## OHMACO FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 122 — Nº 2.107 — OUTUBRO 2004 —



# Man

O Codificador do Espiritismo

Edição comemorativa do Bicentenário de seu Nascimento (1804-2004)



### Reformador

Revista de Espiritismo Cristão Ano 122 / Outubro, 2004 / № 2.107



Fundada em 21 de janeiro de 1883 Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN) 70830-030 — Brasília (DF) Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: http://www.febnet.org.br E-mail: feb@febrasil.org.br webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil Assinatura anual	R\$ 30.00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	110 A OT 00
Simples	US\$ 35,00
Aérea	US\$ 45,00

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária – Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico Rua Souza Valente, 17 20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Luis Hu Rivas e Alessandro Figueredo

Tema da Capa: ALLAN KARDEC – o Codificador do Espiritismo – é o tema desta Edição Especial, comemorativa do Bicentenário de Allan Kardec.

EDITORIAL  A missão e o missionário	4
	10
Entrevista: Luciano Klein Filho	13
Relações entre pioneiros espíritas brasileiros e franceses	
Presença de Chico Xavier	17
Jesus e Kardec – Emmanuel	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Espiritismo na fé – Emmanuel	
Reformador de Ontem	29
Allan Kardec – Apóstolo dos tempos modernos –	
Hubert Forestier	
A FEB E O ESPERANTO	38
Palavra do Presidente da FEB aos esperantistas –	
Nestor João Masotti	
Allan Kardec – Juvanir Borges de Souza	5
Allan Kardec e César – dois gigantes da Humanidade –	8
Vianna de Carvalho	
Kardec no século XIX – Amaral Ornellas	9
Nos passos de Kardec – Antonio Cesar Perri de Carvalho	10
Uso e abuso – André Luiz	16
Amélie-Gabrielle Boudet	
O semeador de esperança – M. Ângela Coelho Mirault	22
Conselho Espírita Internacional –	24
Reunião Ordinária em Paris	
Kardec e sua visão do futuro – José Passini	25
Doutrina Espírita – Allan Kardec	28
A Nova Era – Fénelon	31
Allan Kardec e seu Guia Espiritual – Severino Barbosa	32
Se semeias – Francisco Malhão	33
Na casa da Sra. Plainemaison – Adilton Pugliese	34
Início do Espiritismo em São Paulo –	36
Washington Luiz Nogueira Fernandes	
Humanizemos Kardec – Cezar Braga Said	39
4º Congresso Espírita Mundial – Dedicado ao	41
Bicentenário de Allan Kardec	
Kardec, obrigado! – <i>Irmão X</i>	42

# Editorial

#### A missão e o missionário

uando o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail presenciou, pela primeira vez, em maio de 1855, na casa da Sra. Plainemaison, os fenômenos das mesas girantes e de escrita mediúnica numa ardósia, sentiu a seriedade do assunto e, depois, passando a freqüentar as reuniões semanais na residência da família Baudin, começou a estudá-los com critério científico, aplicando-lhes o método experimental.

"Compreendi, antes de tudo – afirma em suas memórias –, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurava em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças (...)."

O Prof. Rivail questionou os Espíritos, através da mediunidade das Srtas. Baudin, acerca dos problemas relacionados com a Filosofia, a Psicologia e o mundo espiritual, e quando o material reunido "constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina", teve "a idéia de publicar os ensinos recebidos, para instrução de toda a gente". Desconhecia, contudo, a dimensão e o significado do trabalho que vinha executando.

Somente em abril de 1856 – cerca de um ano após o início de suas experiências –, quando freqüentava, também, as reuniões na casa do Sr. Roustan e da médium sonâmbula Srta. Japhet, foi-lhe feita a primeira revelação de sua missão, ratificada, dias depois, pelo Espírito Hahnemann.

O Espírito Verdade confirma-lhe a missão, em 12 de junho de 1856, fala-lhe do seu significado e alerta-o sobre os percalços que enfrentará: "(...) a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa."<sup>3</sup>

O Prof. Rivail não vacila diante do quadro de dificuldades, perseguições, calúnias, traições, de que será alvo; aceita sem titubear a missão que lhe é confiada e se entrega humildemente à oração: "Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo."

É assim que o ilustre cidadão e emérito educador Prof. Rivail sai de cena, emergindo a figura notável de Allan Kardec, Codificador da Doutrina Espírita – o Consolador prometido por Jesus.

No Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec – discípulo e missionário do Cristo –, *Reformador*, com esta Edição Especial, associa-se às homenagens que lhe são prestadas em todo o mundo.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 34. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 268.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>*Idem, ibidem,* p. 270.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>,Idem, ibidem, p. 282.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>*Idem, ibidem*, p. 283.

### **Allan Kardec**

Juvanir Borges de Souza

as comemorações do Bicentenário de Nascimento de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que se tornou conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, empenham-se as organizações e os movimentos espiritistas de todo o mundo.

É natural que, dentro das convenções humanas de tempo, de datas e calendários, sejam relembrados os vultos e personalidades que se distinguiram por realizações de extraordinária importância.

Memorizar Allan Kardec é uma forma de agradecimento, de gratidão, a um missionário de excepcional mérito, que se distinguiu pela intermediação entre a Espiritualidade Superior e a Humanidade, carente de conhecimentos e de aperfeiçoamento moral.

O gênero humano, como, aliás, toda a criação de Deus, subordina-se às leis divinas, entre as quais a do progresso.

A evolução humana se faz pelas individualidades que pouco a pouco se instruem e se moralizam, usando o próprio esforço, vontade e livre-arbítrio.

Mas, examinando-se a história do homem, verificamos que, de tempos em tempos, surgem no seio da Humanidade homens de gênio, verdadeiros missionários do Cristo de Deus, que lhe impulsionam o progresso com o conhecimento de coisas novas, parcelas da grande Verdade.

Allan Kardec é o último desses grandes enviados.



Renascendo no inicio do século XIX, a 3 de outubro de 1804, podemos hoje perceber, à luz da Doutrina Espírita e de revelações advindas da Espiritualidade Superior, que a reencarnação do missionário obedeceu a um Planejamento Superior, tendo em vista o cumprimento da promessa do Cristo de enviar à Terra outro Consolador, explícito no Evangelho de João, 14:1-17 e 26.

Mas, outras razões somaram-se àquela, correlacionando a novel Doutrina dos Espíritos com a época em que foi formulada, para conhecimento dos homens, pelo seu Codificador.

Não foi por mero acaso que o Espiritismo, como doutrina abrangente e esclarecedora, nos campos da filosofia, da ciência, da religião, da moral, da educação, aparece nos meados do século XIX.

Esse século se caracterizou pelo surgimento de doutrinas materialistas novas e pelo ressurgimento de outras antigas com novas roupagens, todas influenciando poderosamente as concepções humanas da vida, as instituições, a organização social, as ciências, os usos e costumes.

Essas doutrinas – o positivismo, de A. Comte, o materialismo histórico-dialético, de Karl Marx, o utilitarismo, de Bentam e Stuart Mill –, não só inspiram e sugerem formas de vida nitidamente materialistas, instigando o prazer a qualquer custo e a preocupação com o "homem econômico", mas induzem ao esquecimento do Espírito, a verdadeira essência imortal, e não cogitando da vida futura.

As religiões tradicionais, com seus desvios e dogmas impróprios, viram-se impotentes para conter a onda materialista, que se tornou poderosa a partir dos meados do século XIX e se estendeu por todo o século XX.

Justamente no período em que apareciam e se expandiam as doutrinas materialistas no mundo é que o Consolador é enviado pelo Cristo. Torna-se evidente que esse fato, essa coincidência, não se devem a simples acaso.

Se, por um lado, o materialismo multifário espalhava-se e enraizava-se por toda parte, favoreci-

Reformador/Outubro 2004 363 5

do inclusive pela conquista da liberdade, a partir dos fins do século XVIII, por outro lado, a fenomenologia espírita fazia-se presente, na América e na Europa, chamando a atenção para fatos inusitados, insistentes, que reclamavam uma explicação plausível.

As mesas girantes e falantes, manifestações inicialmente inexplicáveis, testemunhadas por milhares de pessoas nos Estados Unidos e nos salões de divertimentos da Europa, foram fenômenos provocados pela Espiritualidade, especialmente para despertar a atenção dos homens, na primeira metade do século XIX, num planejamento perfeito para demonstrar a existência do mundo espiritual e sua presença constante no mundo das formas.

No entendimento do povo, a fenomenologia espírita foi, inicialmente, tomada como simples entretenimento e distração, para uns; para outros, eram trapaças.

Mas em breve, muitas personalidades notáveis, muitos estudiosos e homens de ciência, na Europa e na América, voltaram-se para o estudo dos fenômenos, chegando a conclusões diversas.

A Espiritualidade Superior, entretanto, atingira sua primeira meta, qual a de despertar a atenção geral para a existência e presença do mundo espiritual, atuando na esfera material da vida neste planeta.

Constatada a causa dos fenômenos, mesmo por uma minoria da população humana, os Espíritos a serviço da Governança do orbe terrestre iniciaram a segunda etapa da planificação: a explicação segura, racional, da fenomenologia espiritual, que sempre existiu, mas que, na oportunidade escolhida pelo Al-

to, seria a base para a grande Revelação de que carecia a Humanidade.

É dentro dessas circunstâncias que, a partir de 1855, começa a observar a fenomenologia um servidor lúcido e dedicado do Cristo, praticante do magnetismo, educador emérito formado na escola de Pestalozzi, a mais adiantada da época – H. L. D. Rivail, que ficaria conhecido mundialmente pelo pseudônimo Allan Kardec.

• • •

A vida e a obra de Allan Kardec já foram objeto de estudos biográficos diversos, dentre os quais os de Henri Sausse, André Moreil, Anna Blackwell e a meticulosa pesquisa biobibliográfica de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen.

Nosso propósito, pois, de homenagear o sistematizador da Doutrina Espírita, na oportunidade das comemorações do Bicentenário de seu Nascimento, terá por objeto especialmente o que realizou na segunda fase de sua existência na Terra, quando se ocupou da "obra de minha vida", como ele mesmo a ela se referiu.

Se considerarmos, por um lado, que a Nova Revelação, a Doutrina dos Espíritos, trouxe à Humanidade muitos conhecimentos novos a respeito do homem, da vida atual e futura, das leis de Deus e da Governança da Terra por Aquele que é "uno com o Pai" – o Cristo; e ao constatarmos, por outro lado, que essa Doutrina Consoladora retifica muitos enganos das religiões, das escolas filosóficas e das ciências, sob a influência de dogmas impróprios, de superstições e do materialismo, chegamos à conclusão lógica

que a Doutrina Espírita, profundamente esclarecedora, sobressai-se como conjunto de princípios que servem de base a um novo processo de educação intelecto-moral para a Humanidade.

Educação, em sentido amplo, lato, extensivo, compreende conhecimento e moralização.

Por isso o Espírito de Verdade recomendou sinteticamente: "Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo."

As Revelações ocuparam-se do Amor como mandamento para todas as criaturas que se iniciam no carreiro evolutivo.

Jesus ressalta o amor a Deus, e ao próximo como a si mesmo, como a primeira regra da Lei Maior.

Todas as normas morais do Cristo estão incorporadas na Doutrina dos Espíritos. Os Evangelhos, entendidos em espírito e verdade, constituem a parte moral do Espiritismo.

Já os conhecimentos, de várias procedências, também se incorporam à Doutrina, desde que verdadeiros. Mas esses conhecimentos não se limitam ao campo material, como pretendem as ciências materialistas. Também devem ser pesquisados, admitidos e reunidos no corpo doutrinário os conhecimentos referentes ao *espírito*, o outro elemento do Universo.

Comprovada a superação de qualquer princípio doutrinário, o Espiritismo, que tem caráter progressivo, aceita o que for correto. Seu compromisso é com a Verdade, que se vai revelando aos homens na medida de sua evolução.

O Cristianismo puro, constituído pelos ensinos morais do Cris-

to, somado às revelações novas dos Espíritos a serviço do Mestre, constantes do outro Consolador, formam um Conjunto Educacional Superior, destinado a guiar os homens despertos a trabalharem na construção de um Mundo Regenerado.

Para nós, espíritas, o renascimento de H. L. D. Rivail no início do século XIX, e a sua preparação como educador emérito, não ocorreram por acaso.

O missionário da Terceira Revelação, "um dos mais lúcidos discípulos do Cristo", no entendimento de Emmanuel, além de sua considerável bagagem adquirida em diversas reencarnações anteriores, aperfeiçoada na vida espiritual, teve o ensejo de dedicar-se inteiramente aos assuntos educacionais, seja como discípulo do maior educador da época – Pestalozzi – seja como educador dedicado, por muitos anos.

Assim, o estudioso dos fenômenos das mesas girantes, a partir de 1855, e das comunicações sérias do mundo espiritual através da mediunidade, que se fizeram cada vez mais presentes e complexas, não teve dificuldades maiores na tarefa ingente de reconhecer a interligação entre os dois mundos — o visível, material, e o invisível, imaterial, espiritual.

Ao contrário das afirmações das correntes materialistas, as comunicações inteligentes mostravam a presença e a atuação de seres inteligentes invisíveis, comprovando a existência do outro elemento do Universo, além da matéria – o espírito.

Em breve o missionário estava de posse de manifestações de teor elevado, moral e intelectualmente, oriundas de planos superiores, demonstrando e comprovando, objetivamente, a existência dos mundos espirituais.

Ao educador coube a tarefa difícil de separar o bom, o bem, o belo, o instrutivo, o superior, contidos nas comunicações, do conteúdo inferior nelas existentes.

Surgiam, assim, através da sistematização e método próprios do educador, as bases iniciais da novel Doutrina dos Espíritos, com a publicação, em 18 de abril de 1857, da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Estava dado o passo inicial de uma nova doutrina, bela e esclarecedora, graças à cooperação entre a Espiritualidade Superior, à frente o Espírito de Verdade, e o plano material, representado pelo sistematizador, que utilizou o pseudônimo Allan Kardec, nome que recebeu em uma de suas encarnações na antiga Gália.

A partir de abril de 1857, marco inicial que assinala as fronteiras de uma Nova Era de conhecimentos espirituais, com fulcro na realidade dos fatos e nas leis divinas, os homens passam a conhecer melhor a si mesmos, dissipa-se o mistério da morte e entende-se, com muito maior profundidade, os ensinos de Jesus em muitas passagens evangélicas.

Era o Consolador prometido pelo Mestre que chegava, em socorro à Humanidade, às religiões, às ciências, colocando em evidência aspectos desconhecidos da eterna verdade.

A hora escolhida para o envio do Consolador era de sombras e de transvios, provocados pelas doutrinas materialistas. O Espiritismo é seu opositor natural. Mas, àquele marco inicial seguir-se-ia um vasto desdobramento esclarecedor.

A própria obra básica – O Livro dos Espíritos, ampliado e desenvolvido pelos Espíritos Superiores em colaboração com o Codificador –, tornou-se definitiva em sua 2ª edição, publicada em março de 1860.

Ao livro básico, síntese admirável de uma doutrina extremamente abrangente, seguir-se-iam outros, desdobramentos de partes de *O Livro dos Espíritos*.

Surgiram, assim, sucessivamente: O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.

Mas o Codificador da Doutrina não se limitava a receber e ordenar as respostas dos Espíritos às perguntas formuladas por ele sobre os mais diferentes assuntos. Emitia também suas observações e comentários em notas explicativas sobre as questões em foco, numa atitude natural de educador seguro e experiente.

O resultado do trabalho sério, esclarecedor, oriundo da Espiritualidade Maior, conjugado à dedicação total do discípulo lúcido do Cristo, reencarnado especialmente para o desempenho de uma missão extremamente difícil, foi positivo, enriquecedor para uma Humanidade carente de conhecimentos espirituais e de uma fé racional.

A Codificação Espírita, que se deve ao missionário Allan Kardec, será sempre atual, em suas bases e fundamentos, já que nela estão previstos novos conhecimentos e novas revelações, que lhe serão incorporados, progressivamente.

# Allan Kardec e César – dois gigantes da Humanidade

quando Cadoudal formou um gru-

po de sessenta adversários dispostos a roubar-lhe a existência física. Descoberta a trama sórdida, o PRIMEI-RO-CÔNSUL prendeu alguns inimigos, exilou outros e conde-

nou à morte o Duque d'Enghien, que foi fuzilado.

Poleão Bonaparte. Sucediam-se as insurreições e os planos para tirar-lhe a vida.

inda eram tumultuados

aqueles dias para Na-

Após haver assinado com o Papa
Pio VII a Concordata com o Vaticano, em 1801, ele
reuniu os advogados mais eméritos e
os jurisconsultos mais
notáveis do país, a fim
de ser elaborado um Código Civil que terminava com os
privilégios no país, fundando o es-

tado social dos franceses.

Houvera assinado o tratado de paz de Amiens, em 1802, com a Inglaterra, sendo eleito cônsul por um período de dez anos, o que foi alterado para o caráter de perpetuidade, logo depois, em 1803.

Nada obstante, porque reinasse a paz no continente europeu pela primeira vez desde a Revolução, foi descoberta uma trama dos jacobinos interessados na sua morte, logo desbaratada. Os realistas já haviam tentado tirar-lhe a vida em 1800, o que se repetiu em 1804,

Ante as sucessivas ameaças de morte, o Senado resolveu conceder-lhe um título hereditário, a fim de salvar o Código Civil e as Instituições republicanas, na mira dos realistas, proclamando-o Impe-

rador dos Fran-

ceses, na condição de Napoleão I, em 1804. De imediato, um plebiscito confirmou essa decisão do Senado e, no dia 2 de dezembro, desse mesmo ano, na Igreia de Notre-Dame, com a presença do Papa Pio VII, que fora especialmente convidado para a solenidade, foi consagrado com o mesmo ritual e pompa que foram utilizados em home-

nagem a Carlos Magno, no pas-

sado, confirmando-o Imperador dos Franceses.

Portador de temperamento arrebatado e rebelde, no momento da coroação, quebrando o protocolo, Napoleão tomou a coroa das mãos do Papa, a quem detestava, e autocingiu-se, repetindo o gesto em relação a Josefina, na condição de Imperatriz.

Apesar de todas essas conjunturas, pairava sobre a França uma psicosfera de harmonia e de esperança. Isto porque, nessa ocasião, dois meses antes da coroação do Imperador, em Lyon, região das Gálias lugdunenses antigas, reencarnava-se, no dia 3 de outubro do mesmo ano de 1804, Hippolyte

Léon Denizard Rivail, o emissário de Jesus, para

a reconstrução da sociedade terrestre, iluminando-a e libertando-a da ignorância com a mensagem grandiosa do Espiritismo.

Em épocas recuadas, César e Kardec estiveram na mesma faina terrestre. O primeiro, que chegara às Gálias, alarga-

va então os horizontes do mundo e submeteu-a à governança do Império Romano, fazendo que a língua latina adquirisse *status* de

universalidade, com vistas à divulgação futura do Evangelho de Jesus, sem que ele o soubesse... O segundo, para preservar a crença na imortalidade da alma, na Justiça Divina entre os druidas, em cujo grupo renascera.

Novamente encontravam-se os dois missionários. César, como Napoleão, conquistando a Europa, no seu sonho de um só Estado que deveria ter por capital Paris, difundiu a língua francesa, e Allan Kardec, renascido como Denizard Rivail, para expandir o pensamento de Jesus através dos veículos nobres da Ciência, da Filosofia e da ética-moral de conseqüências religiosas.

À medida que Denizard avançava na conquista do conhecimento, em Yverdon, na Suíça, com o insigne mestre Pestalozzi, o *Corso*, fascinado pelo carro da guerra, prosseguiu desencadeando intérminas lutas, sendo vencido pelos inimigos, mais de uma vez, retornado a Paris e outra vez banido para Santa Helena, onde desencarnou, abandonado, no dia 5 de maio de 1821.

Enquanto se apagava a estrela do insigne guerreiro, vencido pela própria tirania, deixando, porém, imenso campo a joeirar, o Prof. Denizard Rivail erguia-se como educador emérito, oferecendo à França e aos países francófonos a pedagogia libertadora do seu preclaro educador, preparando-se para a tarefa missionária que realizaria como Allan Kardec.

Ambos, Espíritos denodados e valorosos, cada qual em uma área específica de atividade humana, entregaram-se com abnegação ao ministério, para o qual reencarnaram, sendo que um foi vencido pela paixão guerreira, enquanto o outro

conseguiu o triunfo como apóstolo da sabedoria e da paz.

Enquanto César trazia a tarefa de apaziguar os povos, reunindo-os em uma só família, apesar da utilização cruel da guerra, Allan Kardec desfraldava a bandeira da fraternidade para unir todos os homens e mulheres sob o postulado FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Ambos assinalaram uma época na História da Humanidade, cabendo àquele que codificou o Espiritismo a gloriosa missão de encerrar a jornada física, de maneira triunfante, legando, à posteridade, o incomparável tesouro da Doutrina Espírita. Evocando-lhe o berço de luz, há duzentos anos, quando mergulhou nas sombras do corpo físico, para tornar-se o mensageiro do *Consolador Prometido* por Jesus, cumpre-nos, a todos nós, Espíritos-espíritas, agradecer-lhe a grandeza moral e a renúncia de apóstolo, pelos benefícios de que nos fizemos legatários, proclamando o nosso júbilo e a nossa gratidão insuperável.

#### Vianna de Carvalho

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no Centro Espírita Caminho da Redenção, no dia 8 de julho de 2004, em Salvador, Bahia.)

#### Kardec no século XIX

Chora a Terra infeliz de peito aberto em chaga. A Dúvida, o Terror, a Guerra e a Guilhotina Inda espalham, gritando, a treva que domina E o suor da aflição que tudo atinge e alaga...

> Desvairada na sombra, a Razão desatina, Nega a Filosofia... a Ciência divaga... E a fé perde a visão como luz que se apaga, Entre a maldade humana e a bondade divina.

É a noite que se alonga ao temporal violento, É a loucura, a miséria e a dor do pensamento E, em toda a parte, o mundo é pávida cratera!...

> Mas Kardec é chamado ao torvelinho insano E, revivendo a luz do Cristo Soberano, Acende no horizonte o Sol da Nova Era!...

#### Amaral Ornellas

(Alexandrinos recebidos por Francisco Cândido Xavier, na sessão solene realizada na sede da União Espírita Mineira, no dia 18 de abril de 1956, 99º aniversário de O Livro dos Espíritos. Inseridos no livro "Doutrina e Vida".)

Fonte: *CHICO XAVIER – Mandato de Amor*. 4. ed., Belo Horizonte (MG): União Espírita Mineira, 1997, p. 158.

Reformador/Outubro 2004 367 9

### Nos passos de Kardec

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec remete-nos a variadas reflexões, da natural análise do significado das Obras Básicas da Doutrina Espírita e de sua influência sobre a sociedade brasileira, às rememorações históricas.

O fato de a capital francesa sediar o 4º Congresso Espírita Mundial neste ano de 2004, como parte das comemorações da referida efeméride, suscita a curiosidade pelo conhecimento de locais relacionados com a vida e a obra do Codificador.

Os principais eventos ligados à atuação do professor Hippolyte



Rue de la Grange-Batelière – residência da Sra. Plainemaison



Apartamento no 2º andar, fundos (Residência de Kardec) à rue des Martyrs, 8

Léon Denizard Rivail nos momentos predecessores à Codificação e ao seu trabalho como Allan Kardec podem ser recompostos em função de uma vista de olhos numa seqüência cronológica pelos locais considerados de valor histórico para os espíritas.

Torna-se válido o destaque de que nos encontramos na faixa do sesquicentenário de dois episódios significativos. No ano de 1854 o Prof. Rivail ouviu falar pela primeira vez sobre as mesas girantes através do Sr. Fortier. No mês de maio de 1855, compareceu à residência da sonâmbula Sra. Roger e, em seguida, na residência da Sra. Plainemaison.

O Prof. Rivail presenciou pela primeira vez os fenômenos das mesas girantes e de escrita mediúnica em ardósia em reunião de experiências sobre tais manifestações realizadas na residência da Sra. Plainemaison, na *rue de la Grange-Batelière*, 18. Naqueles momentos conheceu também a família Baudin e recebeu convite para participar de outras reuniões, quando começou a levar questões aos Espíritos comunicantes e teve a idéia de publicar os ensinos recebidos.

Simultaneamente, durante o ano de 1856, começou a freqüentar as reuniões na casa do Sr. Roustan, cuja médium era a senhorita Japhet, na rue Tiquetonne, 32. O Codificador destaca em seu depoimento em Obras Póstumas (2ª Parte, p. 270): "(...) Eram sérias essas reuniões e se realizavam com ordem."



Rue Tiquetonne – residência do Sr. Roustan e da médium senhorita Japhet

Nestas reuniões recebeu a primeira revelação da missão que teria a desempenhar, pela médium Srta. Japhet. Ali também submeteu os originais de *O Livro dos Espíritos* para uma revisão com a Srta. Japhet. Posteriormente, o Prof. Rivail consultou outros médiuns.

A elaboração de O Livro dos Espíritos aconteceu em seu gabinete de trabalho, em sua residência à rue des Martyrs, 8 (2º andar, fundos). O Codificador relata ruídos em seu gabinete, em certa noite, depois recebendo o esclarecimento de que a entidade espiritual Verdade chamava-lhe a atenção para uma incorreção no texto que elaborava. Nesta residência passou a receber visitantes interessados em conhecer o autor de O Livro dos Espíritos. No segundo semestre do ano de 1857 passou a realizar reuniões às terças-feiras, contando com a colaboração da médium Srta. E. Dufaux e com a presença de até 30 pessoas interessadas em conhecer a nascente Doutrina Espírita.

O lançamento da obra inaugural da Doutrina Espírita ocorreu nas dependências do histórico *Palais Royal*, a uma quadra curta do



Ilustração da época com a cobertura envidraçada da Galerie D'Orléans do Palais Royal

Museu do Louvre. O tradicional prédio foi erigido por partes em três séculos, principalmente por integrantes da família real Orléans, em área que pertenceu ao Cardeal Richelieu (vide Reformador, abril de 2004, p. 35-36). No interior da histórica e portentosa galeria comercial Palais Royal existiu a E. Dentu, Libraire no nº 13 da Galerie d'Orléans. Neste local Allan Kardec lançou O Livro dos Espíritos, num sábado pela manhã, a 18 de abril de 1857. Na época, ali havia uma estrutura de madeira cobrindo a área, com áreas envidraçadas. Nas dependências do *Palais Royal* Allan Kardec fundou o primeiro centro espírita do mundo, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que funcionava às terças-feiras em sala alugada, entre 1/4/1858 e 1/4/1859 na Galeria Valois (lado direito do *Palais*), e, de 1/4/1859 a 1/4/1860 em dependência do restaurante Douix, na Galeria Montpensier (lado esquerdo do *Palais*).

A poucas quadras do *Palais* Royal encontra-se a rue Sainte Anne. No número 59 desta rua, na Passage Sainte Anne, em apartamento no 2º andar, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas passou a funcionar em local próprio a partir de 1/4/1860. Este local centralizou o trabalho do Codificador. Neste apartamento Kardec desencarnou subitamente, em face do rompimento de um aneurisma, no dia 31/3/1869. No momento ele trabalhava, atendendo a um funcionário de livraria. De imediato foi socorrido por Alexandre Delanne, seu grande amigo e, praticamente, vizinho. A família Delanne residia a poucos metros dali, na Passage Choiseul, perpendicular e em se-

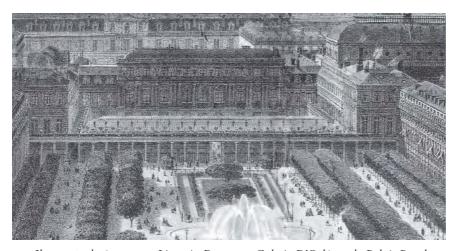


Ilustração da época com Livraria Dentu na Galerie D'Orléans do Palais Royal

Reformador/Outubro 2004 369 11



Sede da S. P. E. E. e local da desencarnação de Kardec

quência ao final da Passage Sainte Anne. No térreo estão as lojas e nas sobrelojas e 1º andar estão as residências. Em entrevista a Canuto Abreu, Gabriel Delanne relata que se recorda de, então criança, frequentar o apartamento do Codificador: "Acariciava-me e, duma feita, pondo-me ao joelho e abraçando-me pela cintura, profetizou que eu seria um sacerdote do Espiritismo. Não fui bem um 'sacerdote', mas tenho a presunção que fiz o possível em minhas forças para servir à Doutrina, no setor que me coube."

Um ano após a desencarnação, o corpo de Allan Kardec foi transladado do Cemitério Montmartre para o histórico Cimitière du Père--Lachaise, que possui tumbas de inúmeras personalidades destacadas e de pioneiros espíritas como Pierre-Gaëtan Leymarie e Gabriel Delanne. O dólmen druida foi inaugurado no dia 31/3/1870. O túmulo está sempre com flores frescas e é constantemente visitado. Posteriormente, ali foi sepultada a viúva Amélie-Gabrielle Boudet. Em geral, por pessoas místicas, de vários países, que ali levam flores, fazem--se preces e algumas têm o hábito de tocar no ombro esquerdo do busto de Kardec.

Durante uma visita recente ao citado cemitério, acompanhado de Cláudia Bonmartin, conhecemos a pessoa que voluntária e diariamente cuida dos túmulos de Kardec, Delanne e Leymarie. A Sra. Antoinette Bastide comentou que há mais de 20 anos, diariamente, limpa e troca as flores dos três túmulos. Conhece os livros de Kardec e cultiva este trabalho por gratidão ao conhecimento obtido no Espiritismo. Relatou que dá seqüência a idêntico trabalho, feito por uma senhora durante quase 30 anos, já desencarnada, e que se considerava beneficiada por uma cura.

As homenagens ao Codificador ocorrem com o desenvolvimento do programa do 4º Congresso Espírita Mundial, nas dependências da Maison de la Mutualité, situada na rue Saint-Victor, 24, margem esquerda do rio Sena, proximidades da Catedral Notre-Dame, da Sorbonne e do local onde trabalhou Pierre-Gaëtan Leymarie, em sua Livraria na rue Saint-Jacques, 42. Leymarie residiu em apartamento quase em frente à livraria.

Esse roteiro pelos locais considerados históricos para os espíritas



Túmulo de Pierre-Gaëtan Leymarie



Túmulo de Kardec e da esposa

não deve ser confundido como culto ao passado e aos desencarnados. Trata-se de valorização à memória do Espiritismo e do reconhecimento de que o melhor culto é o "dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram" (O Livro dos Espíritos, questão 206). Daí a oportunidade dos estudos e reflexões sobre o tema central do Congresso do Bicentenário: "Allan Kardec - Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade".

#### BIBLIOGRAFIA:

AUDI, E. Vida e obra de Allan Kardec, Niterói: Lachâtre, 1999.

ABREU, Canuto. "Gabriel Delanne". Revista da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, v. 1., p. 28-31, 1936.

KARDEC, A. Obras Póstumas. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

Pérouse de Montclos, J. M. Paris. City of Art. (Trad. A-P-E International). New York: The Vendome Press, Chapter X, 2003.

WANTUIL, Z.; Thiesen, F. Allan Kardec. Volumes II e III. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980 e 1988.

#### ENTREVISTA: LUCIANO KLEIN FILHO

# Relações entre pioneiros espíritas brasileiros e franceses

O ano do Bicentenário de Allan Kardec enseja reflexões históricas. O historiador cearense Luciano Klein Filho dedica-se às pesquisas no Movimento Espírita, tem encontrado dados e fatos interessantes sobre vultos espíritas brasileiros, e também relações entre pioneiros espíritas brasileiros e franceses

P. – Como iniciou suas pesquisas sobre a história do Espiritismo?

LK – Iniciamos há dez anos, quando encontramos, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, de Fortaleza, uma série de artigos da autoria do tribuno cearense Vianna de Carvalho, escritos quase diariamente, nos idos de 1910 e 1911, em periódicos locais. Ficamos imensamente impressionados com sua coragem e seu acendrado amor à Causa Espírita. Numa sociedade ultramontana, conservadora por excelência, Vianna não se intimidou e encetou uma campanha para divulgar os postulados espíritas através da palavra falada e escrita. Em consequência de seu trabalho profícuo foi fundado, em 1910, o Centro Espírita Cearense. Em face da admiração que passamos a ter pelo tribuno conterrâneo, considerado a glória da oratória espírita de sua época, escrevemos três livros sobre ele. Desde então não mais paramos de pesquisar sobre os fatos e feitos dos grandes baluartes do nosso Movimento, de forma especial aqueles que, infelizmente, ficaram relegados ao esquecimento.

P. – Você dispõe de algumas



Luciano Klein Filho Palestra na C. R. Nordeste

informações inéditas sobre o Espiritismo no Brasil?

LK – Em seu livro Os Intelectuais e o Espiritismo, publicado pela Editora Lachâtre, o jornalista Ubiratan Machado revela aspectos importantes do Movimento Espírita no Brasil do século XIX. Ao descrever as experiências mediúnicas realizadas por Manoel de Araújo Porto Alegre, mais tarde Barão de Santo Ângelo, o autor menciona que, em 1863, Allan Kardec teria enviado a Porto Alegre um número da Revue Spirite. Afirma que Araújo Porto Alegre, diplomata, exercendo o cargo de Cônsul do Brasil na

Prússia e Saxônia, pode ter sido apresentado a Allan Kardec, através de um brasileiro chamado Borja, então residente em Paris, resultando daí o interesse do futuro Barão pelo Espiritismo. Ubiratan não encontrou nenhuma informação sobre esse brasileiro. Divulga, entretanto, trecho de uma carta de Borja, datada de 31 de janeiro de 1863, dirigida a Gonçalves Dias, o grande poeta maranhense, na qual comenta: "(...) Na segunda-feira da semana passada remeti ao Porto Alegre os livros que me encomendou; não sei se já chegaram, bem como um número da Revista, que o Allan Kardec informou-me ter enviado no princípio deste mês."

P. – Então você descobriu fatos relacionando brasileiros com o Codificador?

LK – Sim, diante dessa curiosa carta a que nos referimos, dispusemo-nos a tentar descobrir alguma informação sobre esse misterioso personagem, conhecido apenas como Borja, que tivera o ensejo de conhecer o Codificador e privar, quem sabe, de sua amizade. As dificuldades foram muitas, pois os dados eram insuficientes. Mas, recentemente, des-

Reformador/Outubro 2004 371 13

vendamos, "acidentalmente", esse enigma. Pesquisávamos na biblioteca do Colégio Militar de Fortaleza, onde lecionamos, sobre a Comissão Científica de Exploração do Império que esteve no Ceará entre 1859 e o início da década de sessenta do século retrasado. Quando folheávamos um velho livro, coletânea das correspondências dirigidas ao Senador Tomaz Pompeu, uma das grandes expressões da cultura cearense, encontramos cinco cartas remetidas a ele por alguém chamado Borja. Esse Borja esteve no Ceará estudando seu clima e sua geografia, entre 1859 e 1860, como membro da aludida Comissão Científica, tornando-se amigo do Senador, também cientista. Numa de suas cartas enviada de Paris, esse Borja fala, para nossa estupefação, da amizade que nutria por Manoel de Araújo Porto Alegre e Gonçalves Dias. Descreve, ainda, os encantos de uma das filhas do Diplomata, então residente em Dresden, e da ousadia que teve em pedir-lhe a mão em casamento. Os detalhes das demais missivas eram contundentes e suficientes para dirimir qualquer dúvida de que se tratava do brasileiro que conheceu Kardec.

Diante desta novidade saímos a campo a fim de colher subsídios para compor sua biografia, que pretendemos, em breve, publicar. Podemos, todavia, adiantar que seu nome completo era Agostinho Victor de Borja Castro. Assinava suas cartas usando o nome Victor de Borja ou somente Borja. Foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro a partir de 1872. Integrou, juntamente com Gonçalves Dias e Giacomo Raja Gabaglia, de quem era adjunto, a Comissão Científica de Exploração. Viajou com Gonçal-

ves Dias a Paris, com o objetivo de comprar instrumentos para equipar a Comissão. Desencarnou, em 1893, na capital francesa.

P. – Poderia detalhar sobre as reuniões mediúnicas que precederam ou foram simultâneas à obra de Kardec?

LK – Em nossas pesquisas deparamo-nos com uma anotação de Leopoldo Machado, constante do seu livro *A Caravana da Fraternidade*, na qual ele faz menção a um registro de seu xará Leopoldo Cirne, ex-presidente da FEB, em que este afirma ser a terra de Bezerra de Menezes o local onde teria surgido a primeira organização espírita do Brasil. Confesso, achamos estranha tal informação, visto que, comprovadamente, o primeiro grupo espírita do nosso Estado remonta à última década do século XIX.

Mas, lembrando o velho ditado – onde há fumaça há fogo –, questionamos a possibilidade de algum fato acontecido por estas plagas, em meados do século XIX, ter provocado essa afirmativa. Tempos depois, folheando um opúsculo, Memória Histórica do Espiritismo – *alguns dados* – publicado pela FEB em 1904, ao tempo da presidência de Leopoldo Cirne, por ocasião do centenário de nascimento de Allan Kardec –, chegamos à resposta. Ao estudar a amplitude do Movimento Espírita no Brasil, o organizador da obra colhe informações de confrades dos diversos Estados, para aquele que seria nosso primeiro censo espírita. Sobre o Ceará respondeu o farmacêutico Catão Mamede, um dos pioneiros na disseminação da Boa Nova Espírita em nossa terra. Segundo Catão, concomitante às ocorrências na

França, em Fortaleza, no ano de 1853, eram realizadas experiências com mesas girantes. As informações de Catão Mamede são confiáveis, sobretudo devido ao fato de seu pai – igualmente farmacêutico – Antônio Paes da Cunha Mamede ter participado daquelas sessões.

Leopoldo Cirne, portanto, referia-se, provavelmente, a essas experimentações. Visto por este ângulo, teria certa razão o velho Leopoldo, não obstante a inadequação da palavra espírita para designar esse tipo de reunião.

P. – Há mais detalhes sobre essas reuniões?

LK – Prosseguindo nas pesquisas, identificamos o nome responsável pela condução dessas reuniões. Tratava-se do comerciante português José Smith de Vasconcellos, que em sua residência na Rua Formosa (hoje Rua Barão do Rio Branco) promoveu várias experimentações.

O jornal bissemanal O Cearense, fundado em 1846, trouxe, por primeira vez, no seu número de 15 de julho de 1853, notícia alusiva ao fenômeno das mesas girantes na França. Na edição de 26 de julho, do mesmo ano, o periódico, sob o título "Mesas dançantes", registrava: "Não é só na Alemanha, França, Pernambuco, etc., que se fazem experiências elétrico-magnéticas das tais mesas dançantes. -O Sr. José Smith de Vasconcellos fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com uma mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia!! Neste momento presenciamos várias experiências desta."

Noticiando novamente o insólito fenômeno, *O Cearense*, de 2 de agosto de 1853, descreve outras reuniões similares na residência de José Smith de Vasconcellos, na qual se fizeram presentes figuras conspícuas da sociedade local.

Em 1854 as experiências foram continuadas e, fato curioso, Smith, ao lado de seus companheiros, concluiu que a origem do fenômeno não se devia apenas ao magnetismo animal, mas à interferência de Espíritos, conclusão a que Allan Kardec só chegaria no ano seguinte. Comentando as novas experiências ocorridas na Europa, O Cearense, de 19 de maio de 1854, expõe que toda a fenomenologia das mesas dançantes e falantes eram simples exercícios, tímido entreabrir de cortinas para horizontes infinitos: "Hoje, porém, amestradas pela experiência, instruídas pelas lições de hábeis professores, e tendo já ascendido ao ponto mais culminante da ciência, as mesas se põem em relação com os mortos, coligem-lhes os pensamentos e transcrevem-lhes as palavras. A evocação se faz por intermédio de um iluminado, a quem se dá o nome de médium." Ao que tudo indica, nesse artigo a palavra médium foi empregada pela primeira vez na imprensa brasileira. Por motivos que desconhecemos, essas sessões não criaram elos de continuidade, mas ficaram como precursoras do Espiritismo no Brasil.

Conseguimos, posteriormente, elaborar a biografia desse contemporâneo de Kardec no Ceará. José Smith de Vasconcellos recebeu da Coroa portuguesa o título de Barão de Vasconcellos. Falecido em 1903, deixou descendência no Rio de Janeiro e em São Paulo.

P. – Há algum dado relacionado com Bezerra de Menezes?

LK – Temos desde 1998 recolhido diversos documentos de Bezerra e garimpado novas informações sobre sua vida. Conseguimos, através de dois sobrinhos trinetos dele, residentes em Fortaleza, cinco fotografias inéditas. Essas fotos estão inseridas em um livro publicado pela editora Lachâtre. Há, entretanto, um fato curioso que somente agora revelamos. Quatro das fotos nos foram gentilmente cedidas por Renata Blanda Furtado. As fotos ficaram durante décadas guardadas dentro de um velho baú de cedro,

Bezerra de
Menezes aderiu,
publicamente, ao
Espiritismo no dia 16
de agosto de 1886

na serra de Baturité, no Ceará, na casa onde residiu sua bisavó Ursulina, sobrinha de Bezerra. O baú de cedro e o clima da serra permitiram que as fotos ficassem em excelente estado de conservação. A primeira fotografia de Bezerra que vimos despertou-nos para um detalhe curioso: uma palavra escrita no verso. Na foto Bezerra se apresenta com os dois filhos do primeiro casamento. Supomos, pela ausência da companheira a seu lado, já estivesse viúvo. Esse retrato é muito semelhante a um outro bastante difundido no meio espírita, mas que, devido a retoques, alterou muito suas expressões faciais. No verso dessa foto original, havia escrita a palavra "Ingrato". Renata não sabia explicar o motivo daquela expressão tão forte. Intuitivamente, opinamos talvez se justificasse em razão do rompimento de Bezerra de Menezes com as tradições católicas familiares quando aderiu, publicamente, ao Espiritismo no dia 16 de agosto de 1886, fato que repercutiu não só na Corte, mas em sua terra natal. O irmão de Bezerra, pai de Ursulina, Manoel Soares da Silva Bezerra, que recebeu do papa Pio IX o hábito de São Gregório Magno, pelos relevantes serviços prestados à Igreja de Roma, foi o mesmo que escreveu uma carta ao Médico dos Pobres reprochando-lhe a conduta por sua conversão a uma nova fé.

P. – Há algum episódio espírita histórico de que teria esclarecimentos como fruto de seus estudos?

LK – Entre alguns dos fatos que vimos tentando, momentaneamente, elucidar, destacamos uma inusitada informação obtida através da leitura de um trabalho do pesquisador francês Jacques Lantier. Para nossa surpresa afirma Lantier que Pierre-Gäetan Leymarie, de convicções republicanas, foi proscrito após o golpe de estado que levou Napoleão III ao poder e veio estabelecer--se no Brasil, onde conheceu a Doutrina Espírita através de outro francês, o professor Casimir Lieutaud. De volta à França, tornou-se amigo de Kardec, tendo, em 1871, dois anos após o desenlace do Codificador, assumido a direção da Revista Espírita. Esta informação nos era totalmente desconhecida. Sabíamos da perseguição política sofrida pelo organizador de Obras Póstumas e de sua relação com Casimir Lieutaud, mas não tínhamos, como ainda não temos, documentos com-

probatórios desse episódio. Sendo Lantier compatriota de Leymarie, pode ter lançado mão de fontes a partir das quais nos fez essa revelação. Por enquanto investigamos.

Entretanto, de tudo isso fica a certeza do trabalho pioneiro do francês Casimir Lieutaud, que considero o legítimo pioneiro do Espiritismo na Pátria do Cruzeiro. Lamentavelmente esquecido da maioria dos espíritas da atualidade, foi lembrado somente pelo grande memorialista Zêus Wantuil, que escreveu sua síntese biográfica. Apesar de oficialmente reconhecermos o pioneirismo de Luís Olímpio Teles de Menezes, fundador do Grupo Familiar do Espiritismo, na Bahia, no ano de 1865, Casimir Lieutaud, com a colaboração de outros franceses, entre os quais, Adolphe Hubert, Morin e a médium psicógrafa Perret Collard, foi o verdadeiro introdutor das idéias espíritas no Brasil, chegando a publicar, em 1860, o livro *Os Tempos são Chegados*, talvez a primeira obra de temática espiritista das Américas. Casimir participou da fundação do Grupo Confúcio, integrando sua Diretoria, e esteve presente na fundação da Federação Espírita Brasileira, em 1884, desencarnando cinco anos depois.

P. – Você está vinculado a alguma instituição espírita voltada à história?

LK – Estamos vinculados ao Centro de Documentação Espírita do Ceará, instituição que fundamos juntamente com os amigos Marcus V. Monteiro, Ary Bezerra Leite e Milton Borges, em 10 de dezembro de 1997, na data do aniversário na-

talício de Vianna de Carvalho. A idéia, porém, foi inspirada no trabalho do confrade Eduardo Carvalho Monteiro. Eduardo é o responsável pelo Centro de Documentação Histórica da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, que funciona como um departamento daquela entidade federativa. O Centro de Documentação cearense, no entanto, é filiado à Federação Espírita do Estado do Ceará, mas funciona como instituição autônoma contando, presentemente, com treze integrantes. Em 1999, através da iniciativa do irmão Marcus V. Monteiro, lançamos o jornal Gazeta Espírita, órgão do Centro de Documentação, de circulação bimestral, que passou a divulgar os resultados das nossas pesquisas.

#### Uso e abuso

O uso é o bom-senso da vida e o metro da caridade.

Vida sem abuso, consciência tranquila.

Uso é moderação em tudo. Abuso é desequilíbrio.

O uso exprime alegria. Do abuso nasce a dor.

Existem abusos de tempo, conhecimento e emoção.

Por isso, muitas vezes, o uso chama-se "abstenção".

O uso cria a reminiscência confortadora.

O abuso forja a lembrança infeliz.

Saber fazer significa saber usar.

Todos os objetos ou aparelhos, atitudes ou circustâncias exigem uso adequado, sem o que surge o erro.

Doença – abuso da saúde.

Vício – abuso do hábito.

Supérfluo – abuso do necessário.

Egoísmo – abuso do direito.

Todos os aspectos menos bons da existência constituem abusos.

O uso é a lei que constrói.

O abuso é a exorbitância que desgasta.

Eis por que progredir é usar bem os empréstimos de Deus.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Estude e Viva*. 9. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 53-54.

#### Presença de Chico Xavier

### Jesus e Kardec

nte a Revelação Divina, assevera Jesus:

–"Eu não vim destruir a Lei."

E reafirma Allan Kardec:

- "Também o Espiritismo diz:
- não venho destruir a lei cristã,
mas dar-lhe execução."

Perante a grandeza da vida, exclama o Divino Mestre:

- "Há muitas moradas na casa de meu Pai."

E Allan Kardec acentua:

- "A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos, que neles reencarnam, moradas correspondentes ao adiantamento que lhes é próprio."

Exalçando a lei de amor que rege o destino de todas as criaturas, advertiu-nos o Senhor:

- "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei."

E Allan Kardec proclama:

"Fora da caridade não há salvação."

Destacando a necessidade de progresso para o conhecimento e para a virtude, recomenda o Cristo:

"Não oculteis a candeia sob o alqueire."

E Allan Kardec acrescenta:

- "Para ser proveitosa, tem a fé que ser ativa; não deve entorpecer-se."

Encarecendo o imperativo do esforço próprio, sentencia o Senhor:

- "Buscai e achareis."

E Allan Kardec dispõe:

 "Ajuda a ti mesmo que o Céu te ajudará."

Salientando o impositivo da educação, disse o Excelso Orientador:

- "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celestial."

E Allan Kardec adiciona:

– "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações infelizes."

Enaltecendo o espírito de serviço, notificou o Eterno Amigo:

- "Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também."

E Allan Kardec confirma:

- "Se Deus houvesse isentado o homem do trabalho corpóreo, seus membros ter-se-iam atrofiado, e, se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal."

Louvando a responsabilidade, ponderou o Senhor:

- "Muito se pedirá a quem muito recebeu."

E Allan Kardec conclui:

- "Aos espíritas muito será pedido, porque muito hão recebido."

Exaltando a filosofia da evolução, através das existências numerosas que nos aperfeiçoam o ser, na reencarnação necessária, esclarece o Instrutor Sublime:

- "Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo."

E Allan Kardec conclama:

- "Nascer, morrer, renascer

ainda e progredir sempre, tal é a lei."

Consagrando a elevada missão da verdadeira ciência, avisa o Mestre dos mestres:

- "Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres."

E Allan Kardec enuncia:

- "Fé inabalável só o é aquela que pode encarar a razão face a face."

Tão extremamente identificado com o Mestre Divino surge o Apóstolo da Codificação, que os augustos mensageiros, que lhe supervisionaram a obra, foram positivos nesta síntese que recolhemos da Resposta à Pergunta número 627, em *O Livro dos Espíritos*:

- "Estamos incumbidos de preparar o Reino do Bem que Jesus anunciou."

Eis porque, ante o primeiro centenário das páginas basilares da Codificação, saudamos no Espiritismo – Chama da Fé Viva a resplender sobre o combustível da Filosofia e da Ciência – o Cristianismo Restaurado ou a Religião do Amor e da Sabedoria, que, partindo do Espírito Excelso de Nosso Senhor Jesus-Cristo, encontrou em Allan Kardec o seu fiel refletor para a libertação e ascensão da Humanidade inteira.

**Emmanuel** 

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: *Reformador* de abril de 1957, p. 10(80).

### **Amélie-Gabrielle Boudet**

Esta edição de *Reformador*, dedicada ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, não poderia olvidar sua esposa e devotada colaboradora, cujos dados biográficos aqui reproduzimos\*

esposa de Denizard Rivail deu-lhe posteriormente todo o apoio na "Instituição" fundada em 1826. Sua colaboração se estenderia pelos anos afora, e seu nome pode figurar ao lado do de Mme. Pestalozzi, mulher admirada tanto por suas excelentes qualidades e doçura de caráter, quanto pela amenidade de suas maneiras e terna solicitude para com as crianças, e que secundou o marido por todos os meios, mormente na direção física e moral dos alunos mais jovens, necessitados de cuidados especiais. Essas duas senhoras pertencem ao número daquelas que a História regista como dedicadas e fiéis colaboradoras dos seus maridos, sem as quais talvez eles não levassem a termo as suas missões.

Escreve Henri Sausse que Madame Rivail nasceu em Thiais, comuna do departamento parisiense de Val-de-Marne (parte SE do antigo departamento do Sena), aos 2 do Frimário do ano IV, segundo o Calendário Republicano então vigente na França, e que corresponde a 23 de novembro de 1795.

\*WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*, vol. I (p. 114-116), vol. III (p. 153-156 e 158-159). Transcrição parcial.

Filha única de Julien-Louis Boudet, proprietário e tabelião, homem portanto bem colocado na vida, e de Julie-Louise Seigneat de Lacombe, recebeu na pia batismal o nome de Amélie-Gabrielle Boudet.

Aliando, desde cedo, grande vivacidade e forte interesse pelos estudos, ela não foi problema para os pais, que, a par de fina educação moral, lhe proporcionaram apurados dotes intelectuais. Após cursar a escola primária, estabeleceu-se em Paris com a família, ingressando numa Escola Normal, de onde saiu diplomada em professora de 1ª classe.

Revela-nos o Dr. Canuto Abreu¹ – cujas pesquisas espíritas em Paris, principalmente nos anos de 1921 e 22, o levaram a uma série de documentos – que a senhorinha Amélie também fora professora de Letras e Belas-Artes, trazendo de encarnações passadas a tendência inata, por assim dizer, para a poesia e o desenho. Culta e inteligente, chegou a dar à luz três obras, assim nomeadas: "Contos Primaveris", 1825; "Noções de Desenho", 1826; "O Essencial em Belas-Artes", 1828.

Vivendo em Paris, no mundo das letras e do ensino, quis o Destino que um dia a Srta. Amélie Boudet deparasse com o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail.

De estatura baixa, mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando penetração de espírito, Amélie Boudet, aliando ainda a todos esses predicados um sorriso terno e bondoso, logo se fez notar pelo circunspecto Prof. Rivail, em quem reconheceu, de imediato, um homem verdadeiramente superior.

Em 6 de fevereiro de 1832, firmava-se o contrato de casamento. Ela tinha nove anos a mais do que ele, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos. É curioso lembrar que Pestalozzi igualmente se consorciara com uma mulher de boa situação financeira e sete anos mais idosa que ele. Até nisto o discípulo quis seguir o mestre? ou foi apenas coincidência?

A desencarnação de Allan Kardec foi uma perda irreparável para o mundo espiritista.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>"O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária", *in* "Unificação", jornal espírita de S. Paulo, fevereiro de 1954.

Amélie Boudet, que partilhara com admirável resignação as desilusões e os infortúnios do esposo, suportaria agora qualquer realidade mais dura. Tinha a seu favor os cabelos nevados pelos seus 74 anos de uma existência bem vivida e a alma sublimada pelos ensinos dos Espíritos do Senhor. Ante a partida do querido companheiro para a Espiritualidade, portou-se como verdadeira espírita, cheia de fé e estoicismo, conquanto, como é natural, abalada no profundo do ser.

Parafraseando o escritor Carlyle, poder-se-ia dizer que Madame Allan Kardec, pelo espaço de quase quarenta anos, foi a companheira amante e fiel do seu marido, e com seus atos e suas palavras sempre o ajudou em tudo quanto ele empreendeu de digno e de bom.

Intrigas, traições, insultos, ingratidões cercaram o ilustre Codificador, mas em todos os momentos de provas e dificuldades sempre encontrou, no terno afeto de sua nobre esposa, amparo e consolação, confirmando-se essas palavras de Simalen: "A mulher é a estrela de bonança nos temporais da vida."

Na RS de 1865, ao falar de seus sacrifícios em prol do Espiritismo, Kardec não se esqueceu de lembrar o quanto devia a Amélie Boudet, declarando a páginas 164: "(...) minha mulher (...) aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa, como o faz ainda, através de um trabalho freqüentemente acima de suas forças, sacrificando, sem pesar, os prazeres e as distrações do mundo aos quais sua posição de família havia habituado."

Dias após o desenlace do seu marido, recebia Madame Allan Kardec efusivas e cálidas manifestações de simpatia e encorajamento dos espiritistas de vários países, inclusive de além-mar, o que lhe redobrou as forças no sentido de levar avante a obra do amado esposo.

No desejo de contribuir para a realização do plano de organização do Espiritismo, que a lúcida previsão de Kardec tinha preparado e publicado na "Revue Spirite" de dezembro de 1868, a Sra. Allan Kardec, única proprietária legal das



Mme. Allan Kardec em 1882

obras kardequianas, da "Revue" e da Livraria, comunicou, na sessão de 16 de abril da Sociedade Espírita de Paris, estas decisões: ela doaria anualmente à Caixa Geral do Espiritismo o excedente dos lucros provenientes da venda dos livros espíritas e das assinaturas da "Revue", isto é, das operações da Livraria Espírita; os artigos a serem publicados na "Revue Spirite" deveriam ser primeiro sancionados por ela e pela Comissão de Redação; a Caixa Geral do Espiritismo seria confiada a um tesoureiro, encarregado de gerir os fundos, sob a supervisão da Comissão diretora<sup>2</sup>. Esses fundos, até nova resolução, seriam aplicados na aquisição de propriedades, a fim de que se pudessem remediar quaisquer eventualidades futuras.

Outras judiciosas decisões foram por ela tomadas no sentido de salvaguardar a propaganda do Espi-

.....

ritismo, sendo, por isso, bastante apreciado pelos espíritas de todo o Mundo o seu nobre desinteresse e devotamento.

Nos planos futuros de Allan Kardec estava a criação de um museu espírita, para o qual já tinha recebido vários quadros pintados pelo Sr. Raymond Auguste Quinsac Monvoisin (1790-1870), artista de talento e espírita devotado.

A Sra. Rivail declarou, então, pela "Revue Spirite", que esses quadros estavam em seu poder, aguardando a compra de um local apropriado para o Museu, e que poderiam ser examinados e apreciados por qualquer espírita, em sua residência particular. Como se vê, ela nada esquecia, pondo os correligioná-

rios a par de tudo que se fazia e se passava na sua administração.

Se Madame Allan Kardec – conforme se lê na "Revue Spirite" de 1869 – se entregasse aos seus interesses pessoais, deixando que as coisas andassem por si mesmas e

Reformador/Outubro 2004 377 19

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>"Revue Spirite", 1869, p. 155.

sem preocupação de sua parte, ela facilmente poderia assegurar tranqüilidade e repouso à sua velhice. Mas, colocando-se num ponto de vista superior, e guiada, além disso, pela certeza de que Allan Kardec com ela contava para prosseguir, no rumo já traçado, a obra moralizadora que lhe fora objeto de toda a solicitude, Madame Allan Kardec não hesitou um só instante. Profundamente convencida da verdade dos ensinos espíritas, buscou garantir a vitalidade do Espiritismo no futuro, e, conforme ela mesma o disse, melhor não saberia aplicar o tempo que ainda lhe restava na Terra, antes de reunir-se ao esposo.

Na reunião da Sociedade, em 3 de julho de 1869 (RS, 1883, p. 206), a fim de realizar material e moralmente, na medida do possível, os planos de Allan Kardec, ficou constituída a "Société anonyme à parts d'intérêt et à capital variable de la caisse générale et centrale du Spiritisme", simplesmente conhecida por "Société anonyme du Spiritisme".

O projeto de Allan Kardec fora cuidadosamente estudado por Mme. Allan Kardec e vários conselheiros, executando-se o que na ocasião era praticável. Formou-se, assim, uma base de associação comercial, como o único meio legal possível de se chegar a fundar alguma coisa de durável. Suas operações se fariam com a "Revue Spirite", com a publicação dos livros de Kardec, aí incluídas as suas obras póstumas, e com todas as demais que tratassem de Espiritismo. Em suma: tudo giraria em torno da Livraria.

A duração da Sociedade foi fixada em 99 anos, a datar de sua constituição definitiva, que ocorreu em agosto de 1869.

Com sede à rua de Lille nº 7, era administrada por uma comissão de membros nomeados pela assembléia geral dos associados, e escolhidos dentre eles.

Kardec consagrara inteiramente o produto de suas obras e da "Revue Spirite" às necessidades materiais de instalação do Espiritismo. Não quis, e tinha esse direito, distrair parcela alguma para seu proveito pessoal. Sua esposa, animada dos mesmos sentimentos, dispôs igualmente esse produto a bem do Espiritismo, em prol de sua estabilidade legal e do seu desenvolvimento.

Apesar de sua avançada idade, a Viúva Allan Kardec demonstrava um espírito de trabalho fora do comum, fazendo questão de tudo gerir pessoalmente, cuidando de assuntos diversos, que demandariam várias cabeças. Graças à sua visão, ao seu empenho, ao seu devotamento sem limites, o Espiritismo pôde crescer a passos de gigante, não só na França, que também no mundo todo.

Estafantes eram os afazeres dessa admirável mulher, cuja idade já lhe exigia repouso físico e sossego de espírito.

Muito ainda fez essa extraordinária mulher a prol do Espiritismo e de todos quantos lhe pediam um conselho ou uma palavra de consolo, até que em 21 de janeiro de 1883, às 5 horas da madrugada, docemente, com rara lucidez de espírito, com aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brincava nos lábios, desatou-se dos

últimos laços que a prendiam à matéria.

A querida velhinha tinha então 87 anos, e nessa idade, contam os que a conheceram, ainda lia sem precisar de óculos e escrevia ao mesmo tempo corretamente e com letra firme.

Aplicando-lhe as expressões de célebre escritor, pode-se dizer, sem nenhum excesso, que "sua existência inteira foi um poema cheio de coragem, perseverança, caridade e sabedoria".

Compreensível, pois, era a consternação que atingiu a família espírita em todos os quadrantes do Globo.

De acordo com os seus próprios desejos, o enterro de Madame Allan Kardec foi simples e espiriticamente realizado, saindo o féretro de sua residência, na Avenida e Vila Ségur nº 39, para o Père-Lachaise, a 12 quilômetros de distância.

Grande multidão, composta de pessoas humildes e de destaque, compareceu em 23 de janeiro às exéquias junto ao dólmen de Kardec, no qual os despojos da velhinha foram inumados e onde todos os anos, até à sua desencarnação, ela comparecia às solenidades de 31 de

Na coluna que suporta o busto do Codificador foram depois gravados, à esquerda, esses dizeres em letras maiúsculas:

AMÉLIE GABRIELLE BOU-DET - VEUVE ALLAN KARDEC -21 NOVEMBRE 1795 - 21 JAN-VIER 1883<sup>3</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>Cometeu-se, como se vê, um engano, ao ser gravado o dia do nascimento, que foi realmente em 23. (Ver Henri Sausse, "Biographie d'Allan Kardec", 4me éd., p. 22.)

#### ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanue

### Espiritismo na fé

"E estes sinais seguirão aos que crerem; em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas." — *Jesus*. (Marcos, 16:17.)

Permanecem as manifestações da vida espiritual em todos os fundamentos da Revelação Divina, nos mais variados círculos da fé.

Espiritismo em si, portanto, deixa de ser novidade, dos tempos que correm, para figurar na raiz de todas as escolas religiosas.

Moisés estabelece contacto com o plano espiritual no Sinai.

Jesus é visto pelos discípulos, no Tabor, ladeado por mortos ilustres.

O colégio apostólico relaciona-se com o Espírito do Mestre, após a morte dEle, e consolida no mundo o Cristianismo redentor.

Os mártires dos circos abandonam a carne flagelada, contemplando visões sublimes.

Maomé inicia a tarefa religiosa, ouvindo um mensageiro invisível.

Francisco de Assis percebe emissários do Céu que o exortam à renovação da Igreja.

Lutero registra a presença de seres de outro mundo.

Teresa d'Ávila recebe a visita de amigos desencarnados e chega a inspecionar regiões purgatoriais, através do fenômeno mediúnico do desdobramento.

Sinais do reino dos Espíritos seguirão os que crerem, afirma o Cristo. Em todas as instituições da fé, há os que gozam, que aproveitam, que calculam, que criticam, que fiscalizam... Esses são, ainda, candidatos à iluminação definitiva e renovadora. Os que crêem, contudo, e aceitam as determinações de serviço que fluem do Alto, serão seguidos pelas notas reveladoras da imortalidade, onde estiverem. Em nome do Senhor, emitindo vibrações santificantes, expulsarão a treva e a maldade, e serão facilmente conhecidos, entre os homens espantados, porque falarão sempre na linguagem nova do sacrifício e da paz, da renúncia e do amor.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. 24. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 174, p. 359-360.

Reformador/Outubro 2004 379 2

### O semeador de esperança

M. Ângela Coelho Mirault

■le não conheceu o telefone (in-■ventado em 1876 e implanta-■do efetivamente em 1892), nem desfrutou do conforto proporcionado pela luz elétrica (1879), sequer estava aqui quando as primeiras ondas do rádio (1895) fizeram-se ouvir, enchendo o ar de notícias e música, muito menos conheceu o fonógrafo (1877), não podendo, portanto, deleitar-se com a música transportada das salas de espetáculos para os ambientes domésticos. Decerto, não chegou a conhecer a máquina de escrever (1870) nem os benefícios que, certamente, lhe proporcionaria durante a tarefa que tinha a empreender. Não conheceu a televisão (uma invenção da década de 1920) e sua magia de teletransportar gente. Não vivenciou o encurtamento das distâncias e do tempo proporcionado pela invenção do automóvel (1885) e do avião (1906), que dirá o advento da internet e mesmo do celular, que nos conectam a tudo e a todos. Não contou com a força da propaganda e da imprensa de massa, no entanto, sua figura perpetua-se na história da Humanidade, lúcida e atual como poucas, destacando-o como um dos maiores divulgadores de idéias paradigmáticas de todos os tempos.

Sem mesmo dar-se conta da amplitude e repercussão de suas

pesquisas, Hippolyte Léon Denizard Rivail (nascido em 3 de outubro de 1804) iniciou a gestação de Allan Kardec e da própria Doutrina Espírita em 1855, ano em que decidiu dedicar-se com seriedade ao estudo dos fenômenos psíquicos, para os quais fora convidado a participar como mero observador. A partir dessa curiosidade não levaria mais do que dois anos para lançar sua primeira, das cinco obras que deram luz a uma nova doutrina – Espírita (termo cunhado por ele para dar conta da nova ciência) –, introduzindo também um novo personagem na história do pensamento humano. Com sua obra, o emérito educador francês, dileto discípulo de Pestalozzi, e já consagrado escritor, membro da Academia Real d'Arras – autor de inúmeros livros de cunho didático – recolher--se-ia para sempre, dando lugar ao surgimento de Allan Kardec<sup>1</sup>, pseudônimo com que passaria a assinar suas produções espíritas. Ele teria pouco mais de quinze anos para dedicar-se àqueles incompreendidos, inexplorados e mesmo deturpados fenômenos, até então considerados sobrenaturais - anteriormente esposados por Sócrates e Platão, apregoados e vivenciados em toda sua significativa amplitude por Jesus –, realizar seu trabalho e regis-

<sup>1</sup>Seu nome em anterior encarnação como sacerdote druida, segundo revelação dos Espíritos trar a mensagem de esperança que com clareza e precisão, ecoando do Plano Espiritual, propugnava um novo paradigma para a concepção do mundo e da própria vida.

Tal como concebido em meados do século XIX, o corpo doutrinário que Kardec reuniu, organizou, interpelou e codificou alcança com extrema lucidez o homem deste Terceiro Milênio, tão atual como no passado, reverberando ao longo do tempo uma sólida mensagem de esperança. Concretizada em sucessivas edições, sua mensagem revela desde o dia 18 de abril de 1857 – quando foi lançada, em Paris, a primeira edição de O Livro dos Espíritos – as implicações resultantes de sua descoberta sobre a inequívoca existência e predominância de uma realidade imaterial.

#### Um novo paradigma

Afirmam alguns estudiosos que um novo paradigma não resulta de um processo linear e acumulativo. Seu surgimento decorre de um evento inusitadamente inesperado, como uma explosão entrópica, que altera todo o curso anterior do que antes se tinha como verdade, assinalando o fim de algo que está sendo superado e a abertura para novas possibilidades. Talvez um instante de desvelamento de verdades preexistentes e apenas ocultas, que de repente se abre à percepção, reorganizando o que, antes, aparentemen-

te já se achava convencionalmente organizado. Mas, é bom que se diga: um novo paradigma não se valida repentinamente, convencendo seus oponentes, antes é rejeitado, já que traz em si uma nova forma de concepção do real. E para que isso ocorra, é necessário que o paradigma dominante já não satisfaça mais as inquietações subjacentes e que seus postulados, antes inquestionáveis, estejam sendo colocados agora

Allan Kardec

O LIVRO DOS

**MEDIUNS** 

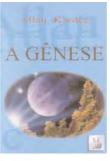
em cheque. È nessa brecha que as novas idéias florescem, mas é preciso que se tenha um espírito livre e questionador do *status quo* a fim de que se esteja preparado para entrever a ruptura, captar a mudança e acolher o novo enunciado.

Sob essa perspectiva, a obra do Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, o Allan Kardec, subsidiaria um momento entrópico de mudança paradigmática, pois, é inegável que, a partir do corpo de conhecimento doutrinário-filosófico-científico nela contido pode-se conceber (enxergar) uma nova forma de interpretar uma mesma realidade sob novos decodificadores interpretativos que dirão respeito a tudo e a todos, ontem, hoje e amanhã.

Allan Kardec não foi somente um pesquisador visionário, mas, antes de tudo, foi um autêntico semeador do Bem, proporcionando à Humanidade uma sólida opção alternativa entre duas correntes filosófico-religiosas: o ateísmo<sup>2</sup> e o agnosticismo<sup>3</sup>. Redimensionando a concepção antropomórfica que se tem de Deus, auxiliou, a partir de







então, o próprio homem a tecer fio a fio as vestes da esperança em um futuro venturoso, conquistado individualmente, palmo a palmo, na trilha da imortalidade.

Organizando, primeiramente, cerca de cinquenta cadernos que lhe foram entregues e cujos conteúdos registravam cinco anos de relatos sobre os fenômenos, até então, considerados paranormais, pouco a





Allan Kardee

<sup>3</sup>Designação que se dá a quem afirma não ser possível comprovar-se a existência de Deus.

pouco, foi-lhes dando forma e, com a complementação trazida pelos Espíritos, acompanhada de suas elucidações, Kardec estrutura toda a base filosófico-científico-religiosa da Doutrina Espírita.

Utilizando-se do método científico-experimental, cuja disciplina impunha a observação dos fenômenos, a comparação e a dedução lógica, antecedentes a generalizações, Kardec debruçara-se sobre fatos

> relegados – por ele, também inicialmente desconsiderados - ao âmbito do sobrenatural, e, apenas depois de estar convencido das deduções daquelas revelações proporcionadas pelo intercâmbio comunicacional entre os dois pla-

nos da vida, investiga-os minuciosamente, legando à Humanidade uma nova doutrina coerentemente lógica, racional e consoladora. Após a divulgação dos resultados do seu meticuloso trabalho de pesquisa junto aos Espíritos imortais, que se comunicavam pela intermediação de médiuns, e da lógica de suas deduções, nem a Filosofia, ou a Ciência, ou, ainda, a Religião seriam mais as mesmas. A semente consoladora da imortalidade, antes anunciada pelo Evangelho de Jesus, estaria definitivamente consolidada na alma humana e, com ela, a vitória da vida sobre a morte estaria determinada.

Fundamentada em constatações indiscutíveis, disponibiliza um corpo de conhecimentos que trará respostas aos mais corriqueiros questionamentos, elucidando o grande enigma existencial humano, ou se-

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Concepção que se dá a quem não crê em

ja, de onde viemos e para onde vamos, bem como traçando-nos uma segura metodologia para a escolha de caminhos mais dignos e conscientes diante de uma única existência imortal. Ao deparar-se com os fenômenos tidos como paranormais constata ele haver entrevisto "a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro", e até a solução do que havia "procurado toda a sua vida", afirma então<sup>4</sup>.

Allan Kardec formula e registra um novo paradigma científico, tal a grandiosidade da sua enunciação. Somos seres únicos e imortais, em permanente processo de evolução, destinados à felicidade, responsáveis por nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

Com o estabelecimento dos princípios básicos sobre a imortalidade, o livre-arbítrio em consonância com a lei de causa e efeito correlacionada à tese da reencarnação, a esperança passa a habitar os corações e mentes libertas do medo, da superstição e do dogmatismo religioso. Sua obra fértil dirige-se, desde então, ao homem livre de todos os tempos, destinado, antes de tudo – mais do que às provações e aos resgates – à felicidade e à perfectibilidade. A morte, o aniquilamento, a punição eterna cedem lugar à conquista intermitente do Espírito imortal em busca do seu próprio aperfeiçoamento a caminho da redenção.

Desde o lançamento de sua obra até sua desencarnação, em 1869, a par das mais variadas deduções filosóficas e surpreendentes

descobertas científicas, nenhuma das constatações ali contidas sofreu qualquer correção, mantendo-se tão atual e consequente quanto à época de sua edificação. Semeando esperança, formulando um novo paradigma filosófico-científico para a Humanidade, Allan Kardec permanece vivo em sua magnífica obra, a qual, sucessivamente reeditada, mantém-se atual, vibrante e acessível ao espírito empreendedor que, tal como ele, de posse da liberdade de pensar, busque novos paradigmas decodificadores de uma realidade aparentemente incompreensível e considere, como fez o Codificador, não haver mais qualquer possibilidade de manter-se uma fé inabalável, senão pelo escopo da razão, em todas as épocas da Humanidade.

Ao tomar para si a responsabilidade de desmistificar a Religião, a Filosofia e a Ciência, evidenciando os elos espirituais que amalgamam a grande corrente da vida, apresentando o encadeamento holístico intrínseco a essas grandes vertentes do conhecimento, o Professor

Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec – assume um lugar definitivo na corrente de pensamentos que tem buscado auxiliar o homem no entendimento da vida, perpetuando-se na história humana.

Desde esta sua passagem pela Terra e sua lúcida contribuição para a Codificação da Doutrina Consoladora, a Humanidade passou a dispor de um novo paradigma para uma melhor compreensão da realidade e do fenômeno da própria Vida, em toda sua complexidade e implicações transcendentais, como contraponto ao paradigma científico-materialista predominante nos dias atuais.

Durante o ano de 2004, os espíritas do mundo inteiro têm reverenciado o Espírito imortal deste semeador de esperanças, comemorando o Bicentenário de sua última reencarnação como o lúcido missionário incumbido da propagação da mensagem renovadora cristã, propugnada pelo Mestre Jesus, há mais de dois mil anos.

### Conselho Espírita Internacional Reunião Ordinária em Paris

O Conselho Espírita Internacional realiza em Paris, nos dias 6 e 7 de outubro, após o 4º Congresso Espírita Mundial, sua 10ª Reunião Ordinária, nas dependências do Hotel Campanille – Porte de Bagnolet.

Fundado em Madrid (Espanha), no dia 28 de novembro de 1992, por 9 países, durante o Congresso Mundial de Espiritismo (CME/92), o CEI conta hoje, decorridos 12 anos, com 24 países de 4 continentes: Europa, América, Ásia e África. É administrado por uma Comissão Executiva e possui as seguintes Coordenadorias: Europa, América do Norte, América Central e Caribe, e América do Sul.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>Kardec: Obras Póstumas.

### Kardec e sua visão do futuro

José Passini

o fazermos uma análise da personalidade de Kardec, buscando conhecer-lhe a cultura, aliada à profunda identificação com o Evangelho, não devemos ter por objetivo apenas homenagear-lhe a memória. Devemos vê-lo como alguém que veio para cumprir uma promessa de Jesus. Devemos avaliar-lhe a estatura espiritual, não para que apenas nos encantemos, mas a fim de nos conscientizarmos da nossa condição de beneficiários da sua obra, desse acervo imenso de esclarecimentos, que marcaram efetivamente uma nova etapa na evolução humana.

E necessário pensarmos em Kardec na sua época, a fim de avaliar-lhe o avanço no tempo em relação ao pensamento predominante de então. Precisaríamos, todos nós, ter a possibilidade de transportar-nos, de caminhar para o passado, a fim de sentirmos a época, com seus costumes e, principalmente, com suas limitações. Só assim poderíamos observar com justeza o avanço do pensamento de Kardec em relação aos seus contemporâneos, e até de muitos dos atuais pensadores das searas religiosas, políticas e sociais.

A Igreja, recém-saída da Inquisição – em Portugal terminou, por decreto da Regência, em 1821 ainda impunha o seu poder. Nos

países, ditos católicos, não havia separação entre o Estado e a Igreja. Para se ter idéia desse poder, é só lembrarmos que em 9 de outubro de 1861, na Espanha, foram queimadas, em praça pública, 300 obras espíritas, legalmente importadas da França, no assim chamado Auto--de-fé em Barcelona.

Entretanto, apesar da forte pressão dominadora exercida pela Igreja, no sentido de ser mantida a sua versão do Cristianismo, durante o século XIX, em algumas partes da Europa ocorria uma libertação quase rebelde de muitos intelectuais, em relação às pregações religiosas, que já não mais conseguiam convencê-los. O descompasso entre a religião e a ciência tornava-se cada vez mais agudo, ensejando um desencanto que levou muitos espíritos lúcidos à tomada de posições eminentemente materialistas, criando o ambiente para o surgimento do Positivismo, doutrina que visa à superação dos estados teológico e metafísico, negando tudo o que não fosse fisicamente mensurável, e preparando o terreno para o materialismo do século XX.

No campo social, a mensagem religiosa servia apenas para coonestar o egoísmo vivenciado pelos poderosos, sem que houvesse a mínima ação no sentido de amenizar a desumana e angustiosa situação das classes trabalhadoras, notadamente dos operários. É dessa época a famosa frase atribuída a Karl Marx: "A religião é o ópio do povo." E

realmente o era, pois se constatava facilmente a imensa distância que havia entre a mensagem simples, fraterna, amorosa e atuante de Jesus, e aquilo que era oferecido como Cristianismo pela Igreja, totalmente comprometida com o poder

Kardec não se curva à Igreja, mas não adere ao materialismo seco e destrutivo, como tantos pensadores do seu tempo. Sua visão de missionário permite-lhe discordar daquilo que a Igreja oferecia como verdade e possibilita-lhe uma proposta religiosa a ser experienciada principalmente fora dos templos. Uma religião a ser vivida em clima de liberdade, tanto na área do sentimento, quanto da razão, conforme os ensinamentos e exemplos de Jesus.

Diante da atuação de Kardec, seria difícil enquadrá-lo nas áreas do conhecimento humano. Revela-se como teólogo ao dialogar com os Espíritos Superiores a respeito de Deus, demonstrando independência e superioridade de pensamento em relação aos seus contemporâneos, quando formula a pergunta: "Que é Deus?"<sup>1</sup>

Isso dito numa época em que grandes pensadores estavam ainda atrelados à idéia de um Deus antropomórfico, portador de limitações humanas, quanto à forma e aos atributos. O Codificador demonstra que sua visão de Deus é cósmica e está em perfeita consonância com os avanços da Astronomia,

que, caminhando à frente das religiões, já demonstrara àqueles "que têm olhos de ver" que o Universo conhecido era maior do que o Deus ensinado por elas.

Entretanto, sua concepção científica da grandeza cósmica de Deus não o impediu de resgatar a figura do Pai justo, providente, amoroso e infinitamente misericordioso, conforme os ensinamentos de Jesus, contrapondo-se frontalmente à criação dos teólogos: o Inferno de penas eternas, dentro do contexto cristão. Nesse campo, revela o Codificador a sua condição também de educador e de penólogo, ao examinar com impecável lucidez temas como Céu, Purgatório e Inferno, principalmente na obra O Céu e o Infer*no*. Entretanto, se abriu as portas do Inferno, demonstrou que as do Céu não se descerram à custa de ofícios religiosos encomendados, de legados post mortem, mas através do esforço individual, intransferível e consciente de cada Espírito, conforme sentenciou Jesus: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga--me."2

A reencarnação, rejeitada e ridicularizada àquela época, mereceulhe análise clara, profunda e irretorquível, em tese que o futuro, que vivemos hoje, tem consagrado como vitoriosa, uma vez que até o presente não existe nenhum trabalho sério que a conteste.

Demonstra com clareza a imortalidade da alma, não apenas como artigo de fé, estribada em dogmas, mas no campo da experimentação científica, através do resgate do exercício da mediunidade, prática que seria objeto de estudos levados a efeito na área acadêmica, primei-

ramente sob o nome de Metapsíquica e, mais tarde, de Parapsicologia.

Revelou-se sociólogo eminentemente cristão ao dialogar com os Espíritos sobre questões sociais, pondo em evidência temas que outras religiões só décadas mais tarde viriam discutir.

"Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores"

O trabalho, ensinado no meio religioso como castigo, é mostrado como oportunidade enobrecedora de colaboração na obra de Deus. Pela primeira vez o relacionamento entre capital e trabalho é tratado no meio religioso, com sérias advertências àqueles que, abusando do poder de mandar, impõem excessivo trabalho a seus inferiores, pois eram comuns na Europa as jornadas de trabalho excederem a doze horas. Pela primeira vez, na história do Cristianismo, alguém cria ambiente para que Espíritos Superiores advirtam o homem, em nome de Deus, a respeito da responsabilidade no emprego do poder: "(...) Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo,

transgride a lei de Deus."3 Enquanto as vozes religiosas se calavam, Kardec inquire os Espíritos a respeito do direito do trabalhador de repousar depois de ter dado o vigor de sua juventude em trabalho: "Mas, que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?" <sup>4</sup> A resposta lapidar, que deveria servir de epígrafe e inspiração para muitos discursos sociológicos e religiosos: "O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade."<sup>4</sup> Só 31 anos depois da edição definitiva de O Livro dos Espíritos, a encíclica Rerum Novarum, em 1891, revela algum despertamento do meio católico para o tema.

Relativamente à escravidão, os poderes religiosos também se mantinham calados até então, impedidos de erguer a bandeira abolicionista por estarem comprometidos com aqueles que se beneficiavam com o trabalho escravo. Contra esse ignominioso domínio de um ser humano sobre outro, manifestaram-se os Espíritos, falando em nome de Deus, graças às perguntas de Kardec, que, com isso, inseriram conceitos de moral religiosa num campo eminentemente social.

Nove anos antes da publicação da obra *Sujeição das Mulheres*, de Stuart Mill, que é tida como uma das molas propulsoras do movimento feminista, Kardec publica o diálogo que manteve com os Espíritos Superiores e comentários seus, analisando a igualdade dos direitos do homem e da mulher, enquanto as demais correntes cristãs mantinham, e ainda mantêm em seu próprio seio, posições altamente discriminatórias, em que a mulher con-

tinua como subalterna, malgrado os exemplos dignificantes de Jesus.

Ao perguntar aos Espíritos: "Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres?"5, recebendo dos Espíritos a resposta – "É um progresso na marcha da Humanidade." -, o Codificador demonstra conceituar o casamento como ato eminentemente moral, mútuo compromisso assumido no âmbito da consciência de um homem e de uma mulher, acima de toda e qualquer bênção sacerdotal ou da assinatura de um documento civil. Evidenciada por Kardec há um século e meio, essa a visão que se tem hoje, quando cada vez mais prospera o entendimento de que ninguém casa ninguém; as criaturas se casam, e só elas são responsáveis pela manutenção do vínculo livremente estabelecido. É digna de nota a posição do Codificador, pois se de um lado esclarece, libertando a criatura dos grilhões criados por uma bênção sacerdotal – pretensamente dada em nome de Deus –, por outro, chama-lhe a atenção para os compromissos assumidos perante o altar de sua própria consciência. O valor que Kardec atribui ao casamento está perfeitamente explicitado no comentário feito ao tratar do assunto: "(...) A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes."6

Numa época em que as religiões não discutiam o papel da família, por julgá-la estabelecida em função de sacramento ministrado em nome de Deus – embora, em alguns casos, até mesmo contra a

vontade de quem o recebia –, Kardec, antevendo atitudes e questionamentos futuros, analisa e discute com os Espíritos Superiores o papel do instituto familiar. Obteve respostas esclarecedoras dos Espíritos, situando a família como núcleo insubstituível da educação humana, núcleo formado não em função de uma evolução social, mas decorrente de desígnio divino. Por isso, o Espiritismo já tinha resposta antecipada às duras contestações que viriam décadas mais tarde, quando regimes totalitários pretenderam instituir um modelo de educação da criança pelo Estado e, mais tarde ainda, através das propostas de "vida livre" levadas a efeito pelos

Coube a Kardec o papel histórico de construir uma ponte luminosa, ligando Ciência e Religião

*hippies* e daqueles que lhes partilharam as idéias.

Ao assumir veemente combate contra a pena de morte – enquanto setores religiosos se mantinham silenciosos ou mesmo coniventes –, Kardec tira o "não matarás" de dentro dos templos, levando-o à discussão penal e social, antecipando-se, em décadas, a campanhas que surgiriam bem mais tarde.

O imenso abismo cavado entre a Ciência e a Religião pelos estudos de Copérnico e Galileu alargou-se ainda mais com a publicação da obra *Da Origem das Espécies*, de Charles Darwin. Coube a Kardec o papel histórico de construir uma ponte luminosa, ligando Ciência e Religião. Contestando o Criacionismo, põe em evidência a evolução do Espírito, que caminha pari passu com a evolução física demonstrada por Darwin, ao tempo em que resgata diante da consciência humana um dos atributos básicos de um Ser Perfeito: a Justiça. Tudo promana de uma mesma fonte, todos partimos de um mesmo ponto, dotados da mesma potencialidade evolutiva, conforme ensinaram os Espíritos: "(...) É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. (...)" 7 Por conhecer essa luz divina, imanente em toda a Criação, é que Jesus lançou o desafio evolutivo: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)".8

Não se pretendeu aqui fazer uma análise exaustiva da obra de Kardec, nem da sua capacidade como filósofo, educador ou teólogo. Buscou-se enfocar apenas o avanço do seu pensamento, em relação aos seus contemporâneos. Kardec transcende sua época, enxergando além dos interesses, da cultura, do meio social e religioso em que convive.

Se o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail tivesse publicado suas obras sem revelar os diálogos com os Espíritos e o seu aspecto religioso, por certo a França o teria incluído entre seus filósofos, conforme já o fizera entre seus grandes educadores.

No decorrer deste milênio, quando o dogmatismo religioso e o academicismo enfatuado se fizerem menos presentes, e quando não mais

Reformador/Outubro 2004 385 27

estiverem tão distanciados das verdades do Evangelho puro, Kardec certamente será estudado nas universidades, será "descoberto" como um gênio do século XIX, maravilhando Espíritos que já terão reencarnado para o estabelecimento de diretrizes educativas dos tempos novos. Nessa ocasião, terão dificuldade em situálo numa área do saber humano, em face do domínio revelado por ele no campo da sociologia, do direito, da educação, da filosofia e, principalmente, da teologia.

A marca inquestionável da sua condição de grande missionário é o fato de o seu pensamento não estar preso ao lugar e à época. Seu pensamento vigoroso projeta-se no futuro, numa antevisão terrena dos caminhos da Humanidade. Espiritualmente falando, não é antevisão, é simplesmente a recordação dos temas humanos que mereceram seu estudo, sua análise minuciosa, no Espaço, antes de reencarnar-se. Guardadas as devidas proporções, é o mesmo fenômeno que se deu com Jesus que, transcendendo os conhecimentos, os interesses, as aspirações – a própria cultura da época – fez abordagens de assuntos incomuns e deixou ensinamentos e diretrizes evolutivas para os séculos porvindouros.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

#### Doutrina Espírita

princípio inteligente independe da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas do que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de haverem passado, como todas as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas ou Espíritos progridem mais ou menos rapidamente, mediante o uso do livre-arbítrio, pelo trabalho e pela boa vontade.

A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um envoltório material, de que se despe por ocasião da morte.

O Espírito progride no estado corporal e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado um certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais. Sendo insuficiente uma só existência corporal para que adquira todas as perfeições, retoma um corpo tantas vezes quantas lhe forem necessárias e de cada vez encarna com o progresso que haja realizado em suas existências precedentes e na vida espiritual. Quando, num mundo, alcança tudo o que aí pode obter, deixa-o para ir a outros mundos, intelectual e moralmente mais adiantados, cada vez menos materiais, e assim por diante, até à perfeição de que é suscetível a criatura.

O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; a punição que sofrem é conseqüência do seu endurecimento no mal, de sorte que, com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos; mas, a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos.

As crianças que morrem em tenra idade podem ser Espíritos mais ou menos adiantados, porquanto já tiveram outras existências em que ou praticaram o bem ou cometeram ações más. A morte não os livra das provas que hajam de sofrer e, em tempo oportuno, eles voltam a uma nova existência na Terra, ou em mundos superiores, conforme o grau de elevação que tenham atingido.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer outro encarnado; possuem, muitas vezes, grande inteligência; sofrem pela deficiência dos meios de que dispõem para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. É que abusaram da inteligência em existências pretéritas e aceitaram voluntariamente a situação de impotência para usar dela, a fim de expiarem o mal que praticaram, etc., etc.

#### Allan Kardec

Fonte: *Obras Póstumas*. 34. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, "As cinco alternativas da Humanidade", § 5º, p. 199-200.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Mateus, 16:24.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 684.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>Idem, ibidem, q. 685a.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup>Idem, ibidem, q. 695.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup>Idem, ibidem, q. 696 (Comentário).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup>Idem, ibidem, q. 540.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup>Mateus, 5:16.

#### REFORMADOR DE ONTEM

#### **Allan Kardec**

#### Apóstolo dos tempos modernos

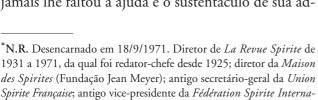
**Hubert Forestier\*** 

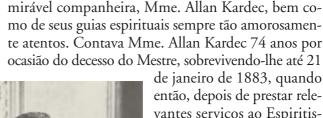
França, que teve a glória de contar entre seus filhos aquele que, nascido em Lião, a 3 de outubro de 1804, viria a ser Allan Kardec, iniciou as comemorações do tricingüentenário de nascimento

desse Apóstolo [1954] justamente na data que assinalava o 85º aniversário de sua rtação terrestre, verifica-os 31 de março de 1869. Com efeito, no amlibertação terrestre, verificada aos 31 de março de 1869.

biente harmonioso da Casa dos Espíritas, em Paris, criada em 1923 por Jean Meyer, um dos fervorosos discípulos de Kardec, La Revue Spirite patrocinou, em 28 de março último, uma belíssima e brilhante manifestação de saudade ao Mestre inesquecível.

Ao ensejo dessa ocasião solene, foi-me confiada a comovente missão de recordar a obra e o pensamento do fundador da Doutrina Espírita, suas alegrias e seus pesares, pois, não obstante a dignidade e a simplicidade generosa de sua vida, não foi ele poupado nem pela incompreensão, nem pela provança. Teve o mérito de, em qualquer eventualidade, ser sempre o mesmo: corajoso diante da adversidade, indulgente diante da injúria. É verdade que nas horas graves ou dolorosas jamais lhe faltou a ajuda e o sustentáculo de sua ad-





então, depois de prestar relevantes serviços ao Espiritismo, deixou por sua vez o nosso mundo, com a idade de 89 anos.

Allan Kardec figura entre os primeiros de nossos contemporâneos que se devotaram a procurar, à luz da observação experimental, a resposta à inquietude humana diante do problema da vida e da morte.

Como homem de ciência e filósofo, Allan Kardec

era em sua época o indicado, pela sua formação, para fazer a sondagem no vasto domínio do Desconhecido, de onde, desde 1848, procediam singulares apelos. Esses fenômenos, cientificamente inexplicáveis, produziam-se – convém relembrar – em maior ou menor intensidade tanto na América como na Europa. Vários testemunhos dessas manifestações admiráveis afirmavam serem elas oriundas de inteligências invisíveis. Abandonando o misterioso Olimpo, as almas dos mortos vinham, como se acreditava, visitar os vivos e afirmar sua imortalidade.

Aluno do célebre pedagogo zuriquense Pestalozzi, de quem foi um dos discípulos mais distintos, e propagador de seu sistema de educação, Allan Kardec, professor de Química, de Física, de Anatomia Comparada, de Astronomia e de Fisiologia, lingüista emé-

tionale; cavaleiro da Légion d'Honneur; oficial das Palmes Académiques.

Hubert Forestier

rito, tomou profundo interesse por essas manifestações supranormais, e isto após tê-las considerado destituídas de qualquer valor.

Uma vez, porém, convencido, submeteu-se à regra a que se impôs no decurso de sua vida de notáveis atividades: investigou minuciosamente os efeitos a fim de apurar a causa.

Ele não podia prever a que consequências levariam as suas pesquisas na segunda metade do século XIX. Jamais, também, poderia pressentir a notoriedade mundial que seu nome iria alcançar.

Pacientemente, com rigor e método, Allan Kardec procedeu a observações numerosas, chegando, por

sua vez, na companhia de seus amigos: René Taillandier, da Academia das Ciências, Victorien Sardou, o já célebre autor, e seu pai Leandro Sardou, lexicógrafo e escritor, Didier, o editor que gozava de justa reputação de pesquisador, a essa certeza que seria de grande e capital importância, isto é, que os fenômenos dos ruídos, dos transportes, dos deslocamentos de objetos, da escrita, que tivera oportunidade de observar, eram na verdade devidos à intervenção de Entidades inteligentes, independentes do concurso terrestre, e cujas personalidades se revelavam nas sessões de estudos às quais ele se entregava com paciente objetividade.

No prosseguimento de seu atraente trabalho, Allan Kardec entreviu logo o mecanismo das leis que regem as relações do mundo terreno com o mundo invisível, mas, antes de consignar e dar a público o resultado de suas próprias pesquisas, julgou prudente fossem elas renovadas por outros. Graças ao concurso de pesquisadores independentes, atraídos, como ele, pela questão da sobrevivência da alma humana, suas experiências foram ensaiadas e confirmadas, ao mesmo tempo, em diferentes pontos do mundo.

Foi então que ele se dispôs a escrever, na ordem que se conhece, as cinco obras que nos legou, as quais em menos de um século já se tornaram clássicas, de maneira que todo novo adepto deve lê-las e sobre elas meditar. Estamos certos de que essas obras serão sem-

pre consultadas com proveito, apesar do progresso que vem alcançando o Espiritismo, progresso aliás de acordo com o pensamento do seu fundador, e não obstante as ciências que dele nasceram, como a metapsíquica e a parapsicologia.

É notável a obra de Allan Kardec inserta em seus livros e em La Revue Spirite, por ele fundada em 1858, revista essa que tenho a honra de dirigir desde a libertação de meu mestre Jean Meyer, em 13 de abril de 1931. Considero Kardec como um precursor, um apóstolo dos tempos modernos, um dos filhos do Espírito Universal que vislumbrou, através de porfiado labor, certos aspectos das leis de harmonia e de evo-

> lução, cuja difusão empreendeu, cheio de fé, com o fito de levar socorro e luz à Humanidade.

> Por sua doutrina lógica e racional, baseada em fatos indiscutíveis, Allan Kardec é, para todos os homens de pensamento livre, um guia admirável e prudente, cujos ensinos nos conduzem à solução do enigma de nossas origens e de nosso porvir; e sentimo-nos maravilhados ao vermos patentear-se, através de sua Codificação, a estrada que devemos seguir para que nos tornemos mais dignos, mais conscientes do papel que todos fomos chamados a desempenhar aqui em baixo.

A obra de Allan Kardec, esclarecendo o homem a respeito de si

mesmo, auxilia-lhe a evolução; mostra-lhe suas responsabilidades, seus deveres, e bem assim as alegrias que pode desfrutar desde que obedeça à inspiração do coração e da consciência. Do espiritualismo experimental do autor de O Livro dos Espíritos deflui pura e alta moral capaz de ajudar o levantamento dos indivíduos e dos povos. Eis por que essa filosofia merece difundida e melhor conhecida: não há, com efeito, causa mais santa do que a que se esforça por tornar a Humanidade melhor e mais digna de si mesma.

Durante a cerimônia de saudade, a 28 de março, na Casa dos Espíritas, com a incumbência de transmitir o reconhecimento de todos os que devemos a Allan Kardec o esclarecimento e as consolações que usufruímos, e associando mais particularmente o Bra-

Por sua doutrina lógica e racional, baseada em fatos indiscutíveis. Allan Kardec é, para todos os homens de pensamento livre, um quia admirável

sil espírita à França espírita, meu pensamento se elevou até à Morada de Paz, de onde ele despede raios de luz, participando de nossos trabalhos, de nossos esforços pela difusão de sua doutrina de amor e de fraternidade.

Possa sua brilhante inteligência inspirar-nos no labor de cada dia, para que prospere, de acordo com os progressos da ciência, esse espiritualismo experimental que ele facultou aos homens, e que depois foi espalhado por seus fiéis continuadores, Léon Denis e Gabriel Delanne, que tão magistralmente o desenvolveram, seja pela palavra, seja pela escrita. Eis o voto que formulo neste tricinquentenário de seu nascimento e, mais ainda, que todos se sintam fraternalmente

encorajados, militantes ou modestos simpatizantes da causa espírita, a fim de prosseguirem, alegres e confiantes, na tarefa de propagar e de ensinar o que lhes foi dado adquirir.

Felizes aqueles que, a exemplo do mestre Allan Kardec, experimentam, ao deixarem as plagas terrenas, a certeza de haverem tocado outras almas pelo exemplo e pela palavra escrita ou falada; felizes os que, como ele, têm consciência, diante da insensatez materialista de nossa época, de terem encaminhado criaturas ofuscadas pelos fumos do mundo, para o esplendor do ideal tão necessário à nossa salvação.

Fonte: Reformador de outubro de 1954, p. 10(222)-12(224).

#### A Nova Era

m dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, voltaram as trevas. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sede fir-

O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da Natureza, e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. O reino do Cristo, ah! passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim,

meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos vo-lo dizem sobejamente; dobrai-vos à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derribados, isto é, preparai-vos e não imiteis as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se apresta é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa voz humilde, porquanto sois o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas. Assim, pois, que estas palavras – "Somos pequenos" – careçam para vós de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. Não constrói a formiga o edifício de sua república e imperceptíveis animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz universal, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente; a lei dos mundos é a do progresso.

**Fénelon** 

Fonte: KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 2. ed. especial, Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. I, "Instruções dos Espíritos", item 10, p. 68-69.

### Allan Kardec e seu Guia Espiritual

Severino Barbosa

"Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel (...). O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas (...)."

O Espírito de Verdade. (*O Evan-gelho segundo o Espiritismo*, cap. VI, item 5.)

por natural curiosidade, todos nós desejamos saber quem é nosso guia espiritual, mas para isso precisamos ter uma certa prudência para não sermos vítimas de Espíritos enganadores.

O lembrete é do próprio Codificador do Espiritismo.

Há muitos Espíritos que se comunicam e podem afirmar ser nossos guias espirituais, mentores, anjos guardiães, mas que não passam de entidades mal-intencionadas.

Esses Espíritos, que certamente conhecem o que se passa em nosso íntimo, sabem que muitas vezes, por trás da nossa curiosidade, também existe um pouco de vaidade. Desse modo e explorando esse sentimento, tentam ludibriar-nos, dizendo terem sido, aqui na Terra, personagens ilustres. Há casos ver-

dadeiros, não resta a menor dúvida, mas há outros que não merecem crédito. Não obstante, devemos estar sempre atentos aos critérios de Kardec, conforme o ensino de Erasto: "(...) Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea (...)." (O Livro dos Médiuns, cap. XX, p. 292, 72. ed., FEB.)

Contudo, de uma forma ou de outra, por isso ou por aquilo, não nos devem interessar muito os nomes dos Espíritos que se comunicam, mas sim a mensagem que transmitem e se suas idéias são de boa ou de má qualidade. Nesse caso, não se leva tanto em conta a forma, ou seja, um palavreado pomposo, frases bem construídas, pontuação impecável, etc. Considera--se, acima de tudo, o conteúdo, a idéia, o conjunto de conselhos só para o bem. Eis aí, pois, os frutos que denunciam as qualidades da árvore, como ensina o Evangelho.

Allan Kardec também quis saber quem era o seu guia espiritual. Mas o seu desejo não era fruto de uma curiosidade vaidosa. Mesmo assim, o Espírito levou bom tempo para revelar-lhe seu nome – A Verdade.

Vejamos o que ocorreu em sessão mediúnica realizada na residência da família Baudin, em Paris, na noite do mês de março do ano 1855, ano em que o mestre Allan Kardec trabalhava incessantemente, fazendo as anotações para em abril de 1857 fazer o lançamento da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Foi precisamente nessa memorável reunião, que Kardec conversou diretamente com o seu guia espiritual, agradeceu-lhe a presença e perguntou: "(...) Consentirás em dizer-me quem és?" – "Para ti, chamar-me-ei A Verdade e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição."

Depois de receber mais instruções do Espírito, Allan Kardec insistiu em saber se a entidade espiritual teria sido algum personagem conhecido aqui na Terra. A resposta não se fez esperar: – "Já te disse que, **para ti**, sou **a Verdade**; isto, para ti, quer dizer discrição; nada mais saberás a respeito." (*Obras Póstumas*, 2ª parte, p. 274-275, 34. ed., FEB.)

Como vemos, a resposta foi enérgica, não dando margem a outras indagações acerca do mesmo assunto. Porém, a presença desse Espírito era tão constante na vida do Codificador do Espiritismo, que o mestre aprendeu a confiar nele e amá-lo.

Em outras comunicações, o mesmo Espírito encorajava Kardec ao estudo e ao trabalho; que uma missão muito importante a Espiritualidade lhe havia reservado, mas

que, se ele, Kardec, quisesse se desincumbir bem, teria que ter "muita discrição".

Disse mais: "(...) Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que ora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem. Nunca, pois, fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos fru-

tos é que se verifica a qualidade da árvore." (*Obras Póstumas*, 2ª parte, p. 282, 34. ed., FEB.)

Quem estuda o Espiritismo sabe muito bem que os Espíritos que assistiram Allan Kardec na missão de codificar a Doutrina Espírita não foram entidades vulgares ou falsos sábios do Além-Túmulo. Que o comprovem as respostas contidas em *O Livro dos Espíritos*, obra básica da Codificação, bem como as mensagens inseridas em *O Evangelho segundo o Espiritismo* e em *O Livro dos Médiuns*.

Pelo estudo sério dessas obras, constata-se que Kardec foi assessorado por uma plêiade de entidades luminosas, Espíritos de grande elevação espiritual.

E assim, conforme se verifica, principalmente, em "Prolegômenos", de O Livro dos Espíritos, sem falar nas demais obras, um luminoso elenco de apóstolos, teólogos, filósofos, literatos, cientistas, poetas, dramaturgos, evangelistas, reis, rainhas, antigos doutores da Igreja Católica, como Santo Agostinho e outros, todos estiveram empenhados, sob a orientação do Espírito de Verdade, na realização da Mega Obra do Espiritismo, que é, sem dúvida, a terceira Revelação de Deus à Humanidade.

#### Se semeias

Se semeias com amor, não te espante a terra eriçada de espinhos...

Que seria da lavoura sem o arado firme e prestimoso, que opera a renovação? Que seria da vida, sem a persistência da boa vontade?

Ergue-te cedo, cada dia, e espalha os grãos do entendimento e do serviço.

Provavelmente, surgirão, cada hora, mil surpresas inquietantes.

As ruínas consequentes do temporal, o bote da serpe oculta, os seixos pontiagudos da estrada, a soturna visão do pântano, a guerra sem tréguas contra os animálculos daninhos, os calos dolorosos das mãos e dos pés, a expectativa torturante, são o que vive em sua luta diária o semeador que se decide a trabalhar...

Recompensas? Não aguardes a remuneração da Terra.

O mundo está repleto de bocas famintas que devoram o pão, sem cogitar dos sacrifícios ou das lágrimas que lhe deram origem.

Enquanto peregrinares entre os homens, o teu

prêmio virá do perfume das flores, da luminosa vestidura da paisagem ou do caricioso beijo do vento.

Se semeias com amor, não indagues de causas.

Consagra-te ao esforço do bem, para que o solo se renove e produza.

Compadece-te da terra sem água.

Não desampares o deserto.

Não te irrite o charco.

Ajuda sempre.

A felicidade vem do amor, o progresso vem da cooperação.

A lavoura do espírito é semelhante ao amanho do campo.

Auxilia sem cessar...

Se semeias com amor, jamais desanimes, porque se é teu o trabalho do plantio, a semente, o crescimento e a frutificação pertencem ao Divino Semeador, que nunca se cansa de semear.

Francisco Malhão

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Falando à Terra*. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 153-154.

Reformador/Outubro 2004 391 33

### Na casa da Sra. Plainemaison

Adilton Pugliese

udo começaria há 149 anos, naquela noite, naquela terça-feira do mês de maio de 1855. Na casa da Sra. Plainemaison, à Rua Grange-Battelière, 18, Paris, a sessão mediúnica, naquela noite, receberia uma visita que mudaria os rumos dos acontecimentos em torno dos fenômenos das mesas girantes que movimentavam os salões parisienses.

Convidado pelo Sr. Pâtier, funcionário público, com quem estivera, naquele mês, na residência da médium sonâmbula Sra. Roger, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail presenciaria, naquela reunião, ensaios, embora "muitos imperfeitos", de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Observador cuidadoso, prudente, meticuloso, o Professor Rivail, diferentemente do numeroso público que frequentava as reuniões, e que fazia daqueles fenômenos um passatempo, "entrevia, naquelas aparentes futilidades, (...) a revelação de uma nova lei"1, e se revolve por estudá-los.

Aos cinquenta anos completos, porquanto nascera em 3 de outubro de 1804, o Professor, renomado pedagogo em Paris, com cerca de 22 obras didáticas lançadas, e vasta cultura acumulada desde suas experiências como aluno no famoso Ins-

tituto de Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça, é recebido com entusiasmo pelos grupos nascentes, sobretudo pelo Grupo da família Baudin, cujas reuniões passa a freqüentar, tornando-se "desde logo muito assíduo".

O mundo doméstico e profissional do célebre pedagogista, que assinara suas obras, até ali, como H. L. D. Rivail, nunca mais seria o mesmo. Casado, sem filhos, com a Sra. Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883), também professora de Belas-Artes, escritora com três obras publicadas, ambos assumiriam, ele como titular e líder, ela como fiel assessora e conselheira, uma das maiores missões jamais confiadas a um casal na Terra: recepcionar a Terceira Revelação das Leis de Deus, vários séculos após Moisés, no deserto, ter lançado, inspiradamente, as bases do Código Divino e, posteriormente, o próprio Cristo vir à Terra e consolidar o Código do Amor, iniciando revelações sobre a verdadeira natureza e destino do homem, informações que seriam concretizadas dezoito séculos mais tarde, graças à promessa por Ele formulada, num momento de grande emoção, nos primeiros dias do começo da Era Cristã. João Evangelista, o discípulo amado, testemunha pessoal da declaração proferida e projetada para o futuro, a assinalaria, no seu Evangelho, anos depois: Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós.<sup>2</sup>

Graças ao seu caráter diamantino, à sua reputação de homem sério e que amava a Humanidade, preocupando-se com o seu futuro, o mestre das letras francesas assume a liderança do Grupo, dando início, ele mesmo, a "estudos sérios de Espiritismo", vendo-o como uma nova ciência que surgia, aplicando-lhe, então, o "método experimental", que ele conhecia e praticava desde a idade de 15 anos. "(...) observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e por encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão (...)."3

Todo o seu ser dizia-lhe que uma formidável "revolução nas idéias e nas crenças" se realizaria a partir dali, embora, somente mais tarde, em 30 de abril de 1856, é que tomaria conhecimento preliminar de sua missão, na casa do Sr. Roustan, onde realizava reuniões íntimas para, ouvindo os Espíritos, revisar a futura obra basilar da Doutrina – O Livro dos Espíritos –, revelação essa que se confirmaria em 7 de maio do mesmo ano, atra-

vés do Espírito Hahnemann, na mesma residência, através da médium Srta. Japhet.

Durante quase dois anos, a partir de maio de 1855 até abril de 1857, quando lança em Paris *O Livro dos Espíritos*, o Professor Rivail irá desenvolver inúmeras atividades (veja-se *Obras Póstumas*, páginas 269 a 271 e 277 a 278):

- a) Até o final de 1855 freqüenta as reuniões da família Baudin, à Rua Rochechouart. Trava relação com o Espírito Zéfiro. Presencia, nas reuniões, comunicações contínuas e respostas a questões formuladas e, algumas vezes, até a perguntas mentais;
- b) Inicia, nesse período, seus estudos sérios de Espiritismo. Nessa fase as sessões nenhum fim determinado tinham tido. Nelas, o Professor tentava "obter a resolução de problemas que me interessavam, do ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível";
- c) Em 1856, freqüentava também as reuniões espíritas à Rua Tiquetonne, em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, médium sonâmbula. Nesse momento de 1856 ele já havia concluído O Livro dos Espíritos e inicia sua meticulosa revisão, fazendo questão, porém, "de submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns". Os Espíritos Reveladores do Espiritismo, contudo, recomendam uma análise de forma mais íntima, e o Professeur Rivail passa, então, a utilizar as faculdades da Srta. Japhet para esse fim. Rigoroso,

contudo, o sábio instrumento das Forças Divinas não se satisfaz com essa verificação. Sempre que as circunstâncias o colocavam em relação com outros médiuns, ele aproveitava para "propor algumas das questões que pareciam mais espinhosas". E foi assim, declara, "que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857".

Em uma de suas obras, o Professor Canuto Abreu (1892-1980), utilizando especial recurso literário, faz interessantes digressões históricas em torno da recepção ocorrida na Rua des Martyres nº 8, em Paris, preparada pelo casal Rivail em torno do lançamento da Obra Básica do Espiritismo. Dentre os vários diálogos entre os convidados destacamos os comentários da médium Caroline Baudin, a respeito do Senhor Rivail, dirigindo-se à médium Ermance Dufaux: "- Falava com humildade, polidamente, sem arrogância, discutindo, tentando convencer ou ficar convencido. Quando, após uma discussão magistral, julgava **lógica** a contenda dos Espíritos, dizia-lhes, rendendo as armas: É racional. Aceito. Quando a resposta lhe parecia obscura e a tréplica a sustentava sem maior esclarecimento, falava: - Vou meditar sobre este ponto. Voltaremos a ele noutra oportunidade. Ou, quando lhe parecia inaceitável, seja em virtude de contradição, seja por demasiado opinativa, aconselhava: – Vamos ponderar algum tempo a respeito. Ouvirei outros Espíritos. Debateremos a dificuldade. Se, porém, o ensino, por este ou aquele motivo de ordem moral, não lhe parecia plausível, afirmava sem ofender: – Esta lição parece-me inviável. E desta forma aceitava ou recusava ou removia os ensinamentos." (Destaques do original.)

Recordando esses fatos históricos que fazem parte da vida desse grande homem, que foi Allan Kardec, refletimos - porque não dizer sobre o privilégio, dos espíritas, por ter sido essa personalidade singular que estava presente nas pioneiras reuniões da primeira fase da história do Espiritismo, que Deolindo Amorim (1906-1984) denominou de "Fase dos Fenômenos", sendo a segunda a "Fase da Doutrina"5. Quão importante foi, para os espíritas, ter sido Allan Kardec que recepcionou o Espírito Verdade, naquela noite de maio de 1856, na casa da Sra. Plainemaison, no limiar da porta do mundo espiritual que se abria através da mediunidade, cumprindo-se, assim, a milenar promessa da vinda do Consolador.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 34. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 267.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Evangelho de João, 14:15-17 e 26.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 34. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 268.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>ABREU, Canuto. *O Livro dos Espíritos e suas* tradições histórica e lendária. Ed. LFU, p. 114.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup>AMORIM, Deolindo. *Doutrina Espírita*. Ed. Círculo Espírita da Oração, p. 30.

### Início do Espiritismo em São Paulo

Livro de Allan Kardec traduzido em 1866, e um livro sobre Sessões Mediúnicas de 1867

Washington Luiz Nogueira Fernandes

ara resgatar e descobrir nomes de grupos e pioneiros do Espiritismo em toda a parte tem sido necessário muita pesquisa, pesquisando jornais antigos (espíritas e não espíritas). Por isso desde 1991 temos reunido material e feito anotações diversas. Decidimos recuperar informações constantes em jornais espíritas antigos e, em 1995, começamos a fazer pessoalmente pesquisas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, para levantar todos os livros e jornais espíritas (séculos XIX e XX) que constavam em seu acervo (pensamos igualmente numa Enciclopédia Internacional do Espiritismo – pelo menos 15 vols., 21x27cm –, quem sabe para 2007, a depender da ajuda dos amigos...).

Procuramos a Diretora do Departamento de Divisão de Informação Documental da Biblioteca, Sra. Eliane Perez, para pedir colaboração e ela gentilmente se dispôs a auxi-



Foto: cópia do frontispício da tradução de O Espiritismo Reduzido a sua mais Simples Expressão, 1866

liar, constituindo uma Comissão de cinco bibliotecárias que lá trabalham para providenciar o levantamento. Em alguns meses aprontaram um catálogo impresso e em

disquete de tudo o que foi possível levantar de literatura espírita do acervo (somente alguns títulos foram erroneamente incluídos na lista como espíritas). Este catálogo está disponível gratuitamente na Biblioteca Nacional via Web. para qualquer interessado. Na relação há muitos jornais espíritas do século XIX, verdadeiras jóias históricas raras. Por serem muito antigos e temendo que eles se desfizessem com o tempo, providenciamos aos poucos a microfilmagem de todos eles para assegurar sua subsistência. Tivemos oportunidade de fazer pesquisas em outras cidades porque, sempre que por determinado motivo nos deslocávamos de São Paulo para alguma viagem, procurávamos as Bibliotecas, o Arquivo Público e o Instituto Histórico e Geográfico da cidade, a fim de tentar identifi-

car algum material espírita antigo. Além da Capital de São Paulo, fizemos buscas em Salvador (BA), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Aracaju (SE), Cuiabá

(MT), Goiânia (GO) e outras cidades do interior dos Estados.

Quando encontrávamos algo, conseguíamos copiar jornais espíri-

tas antigos. No Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, por exemplo, há vários exemplares dos jornais espíritas criados por Batuíra e Anália Franco (1856-1919) e, como lá não era permitido copiar nem microfilmar o material, procuramos uma profissional para fotografá-los, e depois tiramos xerox e ampliamos as fotos, assegurando que não se perdesse este patrimônio da História do Espiritismo. Tudo isso foi realizado muito vagarosamente, ao longo dos anos, e se mais não foi possível fazer até agora foi por causa dos impeditivos de custos. Em 1997 foi fundado pelo Dr. Paulo Toledo Machado e Elza Mazonneto Machado o admirável Museu Espírita de São Paulo, na Lapa, e aproveitamos para doar todo o material que conseguimos para seu acervo, e o catálogo impresso doamos à FEB.

Anotamos todas as informações históricas dos jornais espíritas, referentes ao Espiritismo nas cidades de todo o Brasil (e Exterior) e compramos até uma pequena leitora de microfilme para visualizá-los, anotando todas as informações históricas constantes neles. Por esse motivo foi possível resgatar muitas informações sobre a Doutrina Espírita em São Paulo, como também em outros lugares.

Nada existe nesse sentido, pois não há uma publicação em que isto esteja especificamente registrado,

ainda que um ou outro autor tenha esboçado algumas informações, que sempre acabam valendo como auxílio.

UMA SESSÃO ESPIRITISMO

> S. PAULU TYP. IMPARCIAL DE J. II. DE AZEVEDO MANQUES 27-RUL DA ERPERATURE-27 1867

Foto: cópia do frontispício do livro Uma Sessão de Espiritismo, 1867

Com relação a São Paulo, o principal destaque do Espiritismo da primeira hora é, sem dúvida, Batuíra (1839-1909). O início tinha que ser por um trabalhador dedicado e valoroso, comprometido com a cidade, que pudesse doar sua cota de idealismo para a nova Doutrina, que tem a tarefa de transformar o mundo, abrindo caminhos de uma Nova Era. Batuíra criou um Centro Espírita e um jornal que se espalhou pelo Brasil.

Pesquisando o material espírita existente na Biblioteca Nacional, identificamos dois importantes registros de publicações em São Paulo, um de 1866 e outro de 1867, que se constituem sem dúvida em verdadeiros achados históricos:

- Kardec, Allan. O Espiritismo reduzido a sua mais simples expressão. São Paulo: Typ. Literária, 1866. 36 p.
- Uma Sessão de Espiritismo. São Paulo: J. R. de Azevedo Marques, 27 p.

O autor J. R. de Azevedo Marques escreveu sobre as sessões espíritas, assunto que era sensação no mundo, onde um grupo de pessoas se reunia para conversar com as almas dos mortos. Ele demonstrou que estava informado disso, num momento em que ainda se vivia na fase imperial. Outra prova disso é que antes mesmo do Sr. J. R. de Azevedo Marques escrever o livro, em 1867, um ano antes (1866) houve uma tradução de uma obra de

Allan Kardec, com impressão na Typ. Literária, seguramente uma das primeiras publicadas no Brasil. Estas publicações, que estão na Biblioteca Nacional, são uma prova irrefutável de que a Doutrina Espírita, a exemplo do que ocorria em vários Estados do Brasil e outros países do mundo, tinha virado mania, e muitos tentavam a oportunidade de conversar com as almas dos que já tinham morrido...

A pesquisa acerca do grupo do Sr. J. R. de Azevedo Marques, como de outros na Capital, ainda precisam ser feitas, aguardando-se novas descobertas...

#### A FEB E O ESPERANTO

# Palavra do Presidente da FEB aos esperantistas

Mensagem enviada à *Reunião entre Religiões*, realizada no 89º Congresso Universal de Esperanto, em Pequim, de 24 a 31 de julho de 2004

stimados Irmãos, participantes da Reunião entre as Religiões, no programa do 89º Congresso Universal de Esperanto, em Pequim, China.

Paz, em nome de Jesus-Cristo! Na qualidade de Presidente da Federação Espírita Brasileira, que desde o ano de 1884 divulga os ideais cristãos do Espiritismo, nós vos saudamos de todo o coração e calorosamente nos congratulamos pelo prosseguimento de uma iniciativa tão bela como a reunião de esperantistas de diversas religiões.

Com efeito, onde encontraríamos lugar mais oportuno para que as diversas comunidades religiosas se confraternizem, do que o neutro "território esperantista", cuja lei maior se inspira nos princípios propostos pelo Dr. Zamenhof em seu Homaranismo?

Esses princípios estabelecem como base para as boas relações entre os homens, para a sua convivência no espírito de paz e fraternidade, a regra áurea – Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a

eles. É o mesmo que dizer: sede benévolos, indulgentes, perdoadores, uns para com os outros; não permitais que vos dividam, como inimigos, as diferentes maneiras pelas quais vós exprimis vossa adoração ao nosso Criador, a nosso Pai Celestial, uma vez que a melhor maneira de prestar-se culto ao Eterno, a nosso Pai Comum, é fazer o bem e evitar o mal, em outras palavras, observar Sua lei, a qual se resume na prática do amor ao próximo.

A essência de nosso Criador é amor, amor em sua mais pura expressão

A consciência a respeito dessa verdade espiritual básica, isto é, a de que Deus é o Pai comum de todos os homens, deve tocar nossas mentes e corações como uma constante exortação a que aceitemos plenamente a idéia de que Deus olha e trata Seus filhos com total igualdade.

Consolidemos, assim, em nós

a crença de que a essência de nosso Criador é amor, amor em sua mais pura expressão. E o amor apenas prescreve que trabalhemos, com abnegação e devotamento, em favor do bem e da felicidade de nossos irmãos em humanidade.

Essa verdade de alta expressão espiritual também brilha na essência do Esperantismo, pelo que a sua sincera prática nos círculos religiosos sempre agirá como um poderoso antídoto contra o veneno letal do sectarismo, cujos frutos são a desconfiança recíproca e o ódio.

Que nós, portanto, os esperantistas-religiosos, apresentemos ao mundo, como o mais belo fruto de nosso fervoroso amor a nossos credos particulares e ao nosso comum ideal esperantista, o exemplo de uma convivência sinceramente fraternal, amando-nos reciprocamente como filhos muito queridos do único Criador, isto é, como irmãos que pertencem a uma única família.

Exprimindo-vos o desejo de que vossos trabalhos se desenvolvam no espírito do amor e da concórdia, uma vez mais e de todo o coração vos saudamos.

Nestor João Masotti

### **Humanizemos Kardec**

Cezar Braga Said

eria muito importante que todos os que nos dizemos espíritas conhecêssemos um pouco mais sobre a vida de Allan Kardec, principalmente sua vida pessoal. Isso é possível mediante a leitura das biografias que já foram escritas a seu respeito, os relatos que ele próprio fez na Revista Espírita e também por meio do que declararam os seus contemporâneos, aqueles que o conheceram de perto.

Esse conhecimento do homem nos facultaria maior entendimento do Codificador, pois foram as suas características como ser humano, adquiridas ao longo de inúmeras reencarnações, que o credenciaram a tornar-se o grande e nobre missionário que tanto admiramos.

Quando tomamos contato com algumas destas informações, sentimos Allan Kardec como um companheiro muito próximo, amigo, atento, sensível à dor alheia e aos problemas dos que estavam à sua volta. Acrescentamos doçura, afabilidade, sentimento caritativo, bom humor mesmo ao vulto sério e perquiridor, cognominado por Camille Flammarion como "o bom senso encarnado".

Segundo Léon Denis<sup>1</sup>, Allan Kardec tinha ido passar alguns dias em casa de amigos na cidade de Touraine e estes haviam alugado uma sala para ouvir o mestre dissertar sobre o Espiritismo. Pediram

autorização junto à Prefeitura para a realização da reunião, pois uma lei do Império francês impedia qualquer concentração com mais de vinte pessoas. Como o pedido não foi deferido, a reunião foi transferida para o jardim da casa do Sr. Rebondin e o próprio Léon Denis, ainda jovem, ficou encarregado de prevenir os convidados, indicando--lhes o local correto.

Mas o que marca neste episódio é a forma como Denis descreve o jeito de Allan Kardec responder às perguntas. Segundo ele, o Codificador as respondia com fisionomia sorridente.

No dia seguinte, quando Denis retorna ao local para visitar o mestre, encontra-o sobre um pequeno banco, junto a uma grande cerejeira, colhendo, descontraidamente, frutos que jogava para sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet.

Não param por aí as singulares e humanas facetas de Allan Kardec. Quando este desencarna, quatro pessoas discursam no enterro do seu corpo. Inicialmente, o Vice-Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Levent; em seguida, Camille Flammarion (discurso que ficou mais conhecido), depois Alexandre Delanne e, por fim, o Sr. E. Muller. Todos eles mencionam alguns traços do caráter do homem Kardec. O Sr. E. Muller, falando em nome da viúva, diz que ao longo dos trinta e sete anos de felicidade que Amélie Boudet desfrutou ao lado do marido,

pôde constatar a sua pureza de costumes, sua honestidade absoluta e seu sublime desinteresse.<sup>2</sup>

Noutra ocasião, numa reunião realizada em 9 de abril de 1869, o já citado Sr. Levent refere-se a Kardec como alguém que possuía zelo infatigável em seus trabalhos, desinteresse absoluto, pela total abnegação de si mesmo, junto a uma constante perseverança na direção da sociedade que presidiu até a desencarnação.3

Mas são as falas de Anna Blackwell, tradutora de algumas obras de Kardec para a língua inglesa, e de Pierre-Gaëtan Leymarie que fornecem o tom que desejamos imprimir a este artigo. Tanto Leymarie quanto Anna Blackwell conheceram de perto o Codificador e puderam, como poucos, destacar seus principais traços. Vamos encontrá-los na bela obra de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, publicada em três volumes pela Federação Espírita Brasileira4. Anna afirma que pelas feições Allan Kardec "mais parecia alemão que francês. Era ativo e tenaz, mas de temperamento calmo, precavido e realista até quase à frieza, céptico por natureza e por educação, argumentador lógico e preciso, e eminentemente prático em suas idéias e ações, distanciado assim do misticismo que do entusiasmo... Ponderado, lento no falar, sem afetação, com inegável dignidade, resultante da seriedade e da honestidade, traços distintivos do seu caráter. (...)

recebia amavelmente os numerosos visitantes que acorriam de todas as partes do mundo, para conversar com ele (...) com os quais falava franca e animadamente. Em algumas ocasiões apresentava fisionomia radiante, com um sorriso agradável e prazenteiro (...)."

O depoimento de Leymarie é ainda mais intimista, pois recebia Kardec em sua casa, bem como o visitava em sua residência. Afirma que o mestre freqüentemente vinha vê-lo e "se distraía a contar anedotas de alto nível, às quais não faltavam ditos gauleses." <sup>4</sup>

Conta ainda Leymarie que, "nos últimos dias de sua vida, convidava amigos para jantar em sua Vila Ségur" e "depois de haver debatido os pontos mais difíceis e mais controvertidos da Doutrina, esforçava-se por entreter os convidados. Mostrava-se expansivo, espalhando bom humor em todas as oportunidades".

Alguns espíritas vão estranhar Allan Kardec contando anedotas, mas este estranhamento é muito saudável, pois nos leva a pensar que o nosso é um movimento de vivos, como preconizava o grande espírita brasileiro Leopoldo Machado. Quem encontra um tesouro se felicita com seu achado. A questão é que trazemos os atavismos das religiões por onde perambulamos, e riso, alegria, bom humor, eram sinônimos de vulgaridade e até de coisas diabólicas.

Vez por outra ouvimos algumas exposições doutrinárias onde são narradas anedotas agradáveis, reflexivas, algumas, até mesmo contadas por Chico Xavier. É um grande erro associarmos o riso sincero, descontraído, mesmo na intimida-

de do Centro Espírita, a algo de natureza vulgar e obsessiva. Não nos referimos ao deboche, ao sarcasmo, à depreciação de quem quer que seja.

Entendemos que há momentos e reuniões que pedem um pouco mais de recolhimento e silêncio, mas precisamos tomar cuidado com os exageros, pois se a disciplina é necessária, em excesso ela não educa, antes violenta.

Sem alegria natural e espontânea nosso Movimento acabará repetindo o formalismo das religiões tradicionais. Nem a criança nem o jovem encontram prazer num ambiente que seja permanentemente silencioso e contemplativo.

Ao que nos parece, Allan Kardec era sério no sentido mais amplo e profundo da palavra, por isso mesmo tinha uma permanente jovialidade.

A seriedade malcompreendida conduz-nos a um envelhecimento precoce, tornando-nos permanentemente insatisfeitos, e o que é pior, implicantes, querendo que todos se moldem ao nosso jeito de ser

Quando os restos mortais de Allan Kardec são transferidos do Cemitério Montmartre para o Cemitério do Père-Lachaise, Alexandre Delanne, que fora seu amigo íntimo, recebe o convite para discursar e impossibilitado por motivo de doença, envia uma carta para ser lida na ocasião. Nesta carta ele revela o caráter diamantino e principalmente o grande coração, o homem benevolente que fora Kardec. Narra ele que indo com um amigo até a casa de Kardec, este companheiro passou a contar para ambos o sofrimento de um ancião que, vivendo

sob dificeis provações, não tinha roupas adequadas para o frio e agasalhava seus pés em tamancos de madeira rudemente trabalhados. Mas este homem, longe de lamentar-se e com vergonha de pedir algo a alguém, resignava-se lendo um livro espírita que lhe infundia grande consolo e resignação, trazendo--lhe esperanças de um futuro melhor. Delanne cita que neste instante viu rolar dos olhos de Allan Kardec uma lágrima de compaixão e, confiando ao companheiro algumas moedas de ouro, pediu que este as levasse para prover as necessidades do ancião. Não satisfeito, solicitou--lhe voltar no dia seguinte, pois sendo o ancião espírita, Kardec prometia providenciar algumas obras que pudessem facilitar sua instrução, já que o mesmo não dispunha de recursos para adquiri-las.

Nesta mesma carta, Delanne narra também o episódio em que uma família fora despejada e conduzida à extrema miséria. Sabendo do ocorrido, Kardec, mesmo sem conhecê-los, sem cogitar se eram espíritas ou não, forneceu os recursos para tirá-los da miséria, evitando, inclusive, o suicídio de um pai de família.

Citando, ainda, outros fatos que revelam a alma bondosa deste homem notável, retiramos um trecho que, não sendo o desfecho da carta, ao menos resume bem o teor de tudo o que Alexandre Delanne quis narrar:

"Não mais pararia eu de falar, se tivesse necessidade de vos lembrar os milhares de fatos desse gênero, conhecidos tão-somente por aqueles que Allan Kardec socorreu; não amparava apenas a miséria, levantava, também, com palavras con-

fortadoras, o moral abatido. Jamais, porém, sua mão esquerda soube o que dava a direita." <sup>5</sup>

Divaldo Franco<sup>6</sup>, citando Anna Blackwell, comenta que para ela, o Codificador tinha sua ponta de vaidade, como a pêra que usava junto com o bigode, a fim de esconder uma verruga.

Vale a pena pensarmos na dimensão humana de Allan Kardec, repensando, por extensão, a maneira como nos relacionamos com médiuns, expositores, escritores e dirigentes espíritas.

Humanizar Kardec significa perceber seus sentimentos, sua dimensão humana, sua sensibilidade. É admirar sua racionalidade, mas entender que esta estava a serviço de sua generosidade, a serviço de lesus.

Portanto, trabalhemos e trabalhemo-nos, modificando nossas idéias, ampliando nossos conhecimentos, sem perder de vista a qualidade das nossas relações, o teor dos nossos sentimentos, tal como nos ensinou em sua grandiosa simplicidade o mestre Allan Kardec.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<sup>1</sup>LUCE, Gaston. *Léon Denis o Apóstolo do Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 1989, p. 26 e 27.

<sup>2</sup>WANTUIL, Zêus e THIESEN Francisco. *Allan Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 1988, vol. III, p. 126.

<sup>6</sup>FRANCO, Divaldo. *Diálogo com dirigentes e trabalhadores espíritas*. São Paulo: USE, 1995, p. 151.

### **4º Congresso Espírita Mundial**

#### Dedicado ao Bicentenário de Allan Kardec

O Conselho Espírita Internacional promove em Paris, de 2 a 5 de outubro corrente, o 4º Congresso Espírita Mundial, na Maison de la Mutualité (Rue St. Victor, 24 – região central), sendo realizado pela União Espírita Francesa e Francofônica e executado pela Associação Allan Kardec. O evento, com o tema central Allan Kardec - o Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade, insere-se no contexto das comemorações do Bicentenário de Nascimento do Codificador do Espiritismo, como seu ponto culminante.

As palestras de abertura e de encerramento do Congresso serão proferidas, respectivamente, por José Raul Teixeira e Divaldo Pereira Franco. No desenvolvimento do programa haverá mesas-redondas sobre as obras básicas da Codificação - O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese -, a "Evolução do Movimento Espírita" e a "Difusão da Doutrina Espírita", pelos seguintes expositores: Argentina: Juan Antonio Durante; Bélgica: Iean-Paul Evrard: Brasil: Alberto Almeida, Alexandre Sech, Altivo Ferreira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, César Soares dos Reis, Décio Iandoli Iúnior, Eduardo Carvalho Monteiro, Marlene Rossi Severino Nobre, Nestor João Masotti, Sérgio Felipe de Oliveira; Ca-



Maison de la Mutualité vista de frente

nadá: Leo Gaudet; Colômbia: Fábio Villarraga Benavides; Espanha: Salvador Martin; Estados Unidos: Sônia de Quateli Dói, Vanessa Anseloni; França: Charles Kempf, Jérémie Philippe, Joel Ury, Karine Nguema, Michel Buffet, Michel Ponsardin, Roger Perez; Guatemala: Edwin Bravo Marroquin; Itália: Domenico Romagnolo; Panamá: Maria da Graça Simões de Ender; Portugal: Arnaldo Costeira, Porfírio Mário C. Lago.

O evento conta com traduções simultâneas para o francês, português, espanhol, inglês e esperanto. Foi programada uma Exposição sobre a Vida e a Obra de Allan Kardec, Exposição sobre o Movimento Espírita no Mundo e também uma livraria espírita internacional.

Reformador/Outubro 2004 399 41

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>*Idem, ibidem.* p. 129.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>Idem, ibidem. p. 130-131.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup>*Idem, ibidem.* p. 138.

### Kardec, obrigado!

ardec, enquanto recebes as homenagens do mundo, pedimos vênia para associar nosso preito singelo de amor aos cânticos de reconhecimento que te exalçam a obra gigantesca nos domínios da libertação espiritual.

Não nos referimos aqui ao professor emérito que foste, mas ao discípulo de Jesus que possibilitou o levantamento das bases do Espiritismo Cristão, cuja estrutura desafia a passagem do tempo.

Falem outros dos títulos de cultura que te exornavam a personalidade, do prestígio que desfrutavas na esfera da inteligência, do brilho de tua presença nos fastos sociais, da glória que te ilustrava o nome, de vez que todas as referências à tua dignidade pessoal nunca dirão integralmente o exato valor de teus créditos humanos.

Reportar-nos-emos ao amigo fiel do Cristo e da Humanidade, em agradecimento pela coragem e abnegação com que te esqueceste para entregar ao mundo a mensagem da Espiritualidade Superior. E, rememorando o clima de inquietações e dificuldades, em que, a fim de reacender a luz do Evangelho, superaste injúria e sarcasmo, perseguição e calúnia, desejamos expressar-te o carinho e a gratidão de quantos edificaste para a fé na imortalidade e na sabedoria da vida.

O Senhor te engrandeça por todos aqueles que emancipaste das trevas e te faça bendito pelos que se renovaram perante o destino à força de teu verbo e de teu exemplo!...

Todos nós, os que levantaste do pó da inutilidade ou do fel do desencanto para as bênçãos da vida, estamos também diante de ti

Diante de ti, enfileiram-se, agradecidos e reverentes, os que arrebataste à loucura e ao suicídio com o facho da esperança; os que arrancaste ao labirinto da obsessão com o esclarecimento salvador; os pais desditosos que se viram atormentados por filhos insensíveis e delinquentes, e os filhos agoniados que se encontraram na vala da frustração e do abandono pela irresponsabilidade dos pais em desequilíbrio e que foram reajustados por teus ensinamentos, em torno da reencarnação; os que renasceram em dolorosos conflitos da alma e se reconheceram, por isso, esmagados de angústia nas brenhas da provação, e os quais livraste da demência, apontando-lhes as vidas sucessivas; os que se acharam arrasados de pranto, tateando a lousa na procura dos entes queridos que a morte lhes furtou dos braços ansiosos, e aos quais abriste os horizontes da sobrevivência, insuflando-lhes renovação e paz, na contemplação do futuro; os que soergueste do chão pantanoso do tédio e do desalento, conferindo-lhes, de novo, o anseio de trabalhar e a alegria de viver; os que aprenderam contigo o perdão das ofensas e abençoaram, em prece, aqueles mesmos companheiros de Humanidade que lhes apunhalaram o espírito, a golpes de insulto e de ingratidão; os que te ouviram a palavra fraterna e aceitaram com humildade a injúria e a dor por instrumentos de redenção; e os que desencarnaram incompreendidos ou acusados sem crime, abraçando-te as páginas consoladoras que molharam com as próprias lágrimas...

Todos nós, os que levantaste do pó da inutilidade ou do fel do desencanto para as bênçãos da vida, estamos também diante de ti!... E, identificando-nos na condição dos teus mais apagados admiradores e como os últimos dos teus mais pobres amigos, comovidamente, em tua festa, nós te rogamos permissão para dizer: Kardec, obrigado!... Muito obrigado!...

Irmão X

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: *Reformador* de março de 1969, p. 7(51).

42 400 Reformador/Outubro 2004